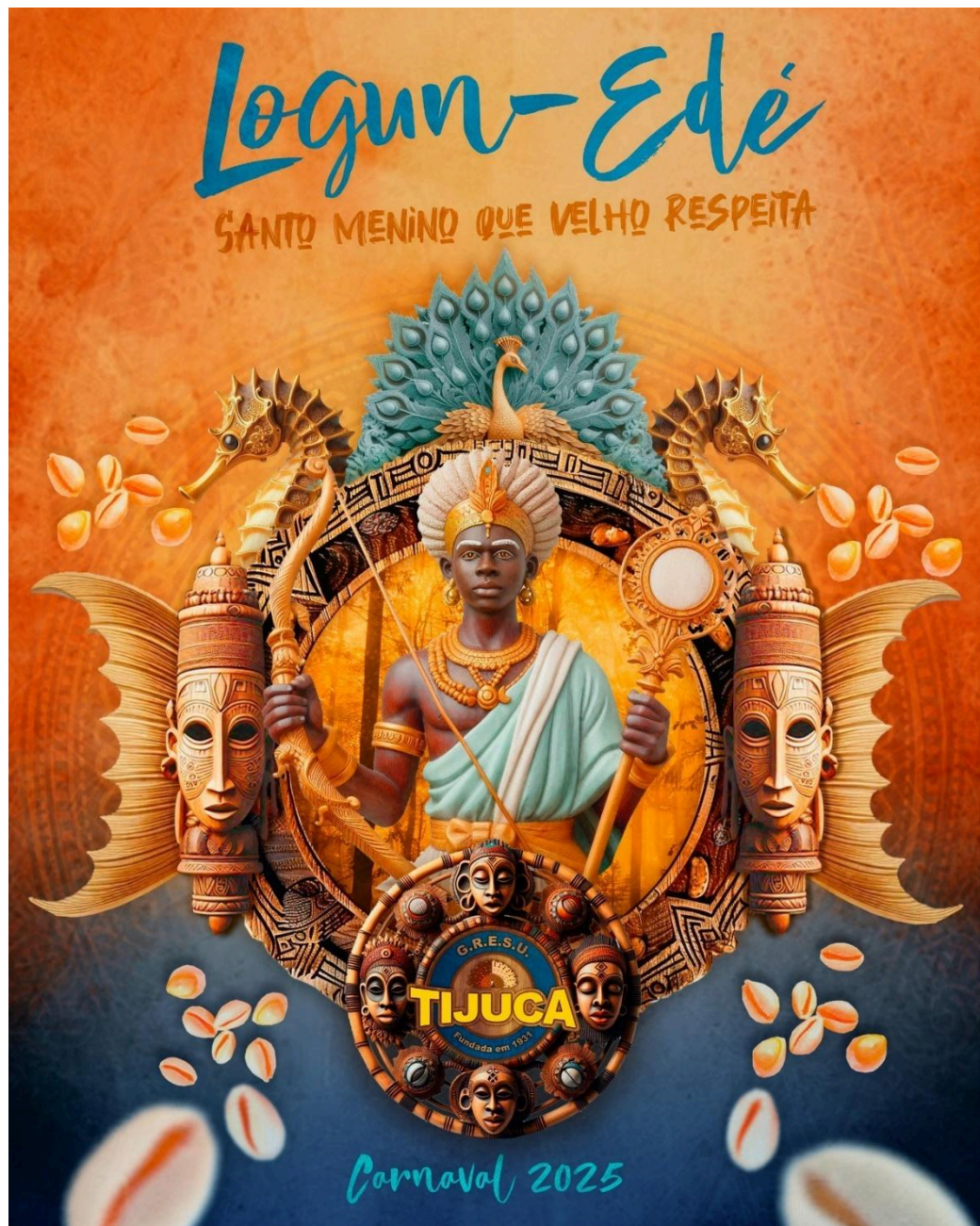


G.R.E.S. UNIDOS DA TIJUCA



**PRESIDENTE
Fernando Horta**

Logun-Edé: santo menino que velho respeita



CARNAVALESCO
Edson Pereira

FICHA TÉCNICA**Enredo****Enredo**

Logun-Edé: santo menino que velho respeita

Carnavalesco

Edson Pereira

Autor(es) do Enredo

Edson Pereira

Autor(es) da Sinopse do Enredo

Edson Pereira, Mateus Pranto, Osmar Igbodê, Raphael Homem, Rodrigo Hilário

Elaborador(es) do Roteiro do Desfile

Edson Pereira, Mateus Pranto, Osmar Igbodê, Raphael Homem, Rodrigo Hilário

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
1	A Unidade Cultural da África Negra: Esferas do Matriarcado e Patriarcado na Antiguidade Clássica	Cheikh Anta Diop	Edições Pedagogo	2014	p.p. 32-39; pp. 61-64
2	Futuro Ancestral	Ailton Krenak	Companhia das Letras	2022	Todas
3	O sagrado e o profano: a essência das religiões	Mircea Eliade	Editora WMF	2018	Todas
4	O homem e seus símbolos	Carl Gustav Jung	HaperCollins Brasil	2016	Todas
5	O poder do mito	Joseph Campbell	Palas Atena	1990	Todas
6	Mito e realidade	Mircea Eliade	Perspectiva	1972	Todas
7	O homem e seus símbolos	Carl Gustav Jung	HaperCollins Brasil	2016	Todas
8	Antropologia dos Orixás: a civilização iorubá a partir	Ivan Poli	Pallas	2020	Todas

	de seus mitos, orikis e diáspora				
9	Mitologia dos Orixás	Reginaldo Prandi	Companhia das Letras	2001	Todas
10	Pedagogia dos orixás	Ivan Poli	Pallas	2024	Todas
11	The Handbook of Youruba Religious Concepts	Baba Ifa Karade	WeiserBooks	1994	Todas
12	Of Water and the Spirit: ritual, magic, and initiation int the life of an african shaman	Molidoma Patrice Somé	Penguin Books	1994	Todas
13	Orunmilá	Rogério Athayde	Pallas	2022	Todas
14	Ifa Lucumi: o resgate da tradição	Nei Lopes	Pallas	2020	Todas
15	Oxum: “a mãe da água doce”	Luís Felipe de Lima	Pallas	2012	Todas
16	A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero	Oyèronké Oyewùmí	Bazar do Tempo	2021	Todas
17	Oyèrónké Oyèwùmí: em defesa do oxunismo	Aline Matos da Rocha	Philósophos – Revista de Filosofia	2023	Todas
18	‘Osunality’ (or African eroticism) em African Sexualities (a reader)	Nkiru Nzegwu <i>apud</i> Sylvia Tamale	Pambazuka Press	2011	p.p. 253-271

19	O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar	Sobonfu Somé	Odysseus	2007	Todas
20	Òsósi (Oxóssi): o caçador de alegrias	Mãe Stella de Oxóssi	Secretaria de Cultura Pedro Calmon	2011	Todas
21	Erinlé, o caçador e outros contos africanos	Adilson Martins	Pallas	2008	Todas
22	Homens da África	Ahmadou Kouruma	Edições SM	2009	Todas
23	Tudo começa na outra vida: A cultura dos recém-nascidos no Oeste da África	Alma Gottlieb	Editora Fap-Unifesp	2012	Todas
24	Logunedé: “santo menino que velho respeita”	Nei Lopes	Pallas	2007	Todas
25	Ijexá: o povo das águas	Vilson Caetano de Sousa Jr	Liceu	2019	Todas
26	Jindengue – Omo Kékére: notas a partir de olhares africanos sobre infância e formação	Wanderson Flor do Nascimento <i>apud</i> Walter Omar Kohan	Autêntica Editora	2012	p.p. 41-51
27	Exu: O Guardião da Casa do Futuro	Vagner Gonçalves da Silva	Pallas	2015	Todas
28	Èsú	Juana Elber dos Santos e Deoscores	Corrupio	2014	Todas

		Maximiliano dos Santos (Mestre Didi Asipa)			
29	Ogun	Reginaldo Prandi	Pallas	2019	Todas
30	Iansã: rainha dos ventos e tempestades	Helena Theodoro	Pallas	2010	Todas
31	Oyá: um louvor à deusa africana	Judith Gleason		1989	Todas
32	A floresta sagrada de Ossain: O segredo das folhas	José Flávio Pessoa de Barros	Pallas	2014	Todas
33	Euá: a senhora das possibilidades	Cléo Martins	Pallas		Todas
34	Obaluaê - Lendas, Arquétipo e Teologia	Claudia Souto Paulo Augusto	Edição Árabe	2020	Todas
35	História da África - Metodologia e pré-história da África v.I	J.Ki-Zerbo	Unesco	2010	p.p.139-213
36	História da África - África Antiga v.II	J.Ki-Zerbo	Unesco	2010	p.p. 657-691
37	História da África - África do século VII ao XI v.III	J.Ki-Zerbo	Unesco	2010	p.p. 69-141
38	História da África - África do século XII ao XVI v.IV	J.Ki-Zerbo	Unesco	2010	p.p 362-413
39	História da África -	J. Ki-Zerbo	Unesco	2010	p.p 55-165; 519-541

	África do século XVI ao XVII - v. V				
40	História da África - África do século XVII ao XIX v. VI	J. Ki-Zerbo	Unesco	2010	p.p. 771-905
41	Naná: Senhora dos primórdios	Cléo Martins	Pallas	2011	Todas
42	Iemanjá: mãe dos peixes, dos deuses, dos seres humanos	Armando Vallado	Pallas	2019	Todas
43	Os nagô e a morte: Padè, Asésé e Culto Ègun na Bahia	Juana Elbein dos Santos	Vozes	2012	Todas
44	Agadá: dinâmica da civilização africano-brasileira	Marco Aurélio Luz	Edufba	2013	Todas
45	Pai Zezito d'Oxum: A chegada da nação Ijexá ao Rio de Janeiro	Nilo Fernandes, Elizabeth Fernandes e Marcelo Vidal (Orgs.)	SENAI – Artes Gráficas	2005	Todas
46	Candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon	Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã	Pallas	2014	p.p. 193-195; 207-208; 220-355
47	Galinha d'Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira	Arno Vogel; Marco Antônio da Silva Mello; José Flávio Pessoa de Barros	Pallas	2012	p.p 67-119

48	Oxalá é quem sabe: e outros contos afro-diaspóricos	Rogério Athayde	Pallas	2023	Todas
49	Os afoxés como movimentos sociais na Bahia: luta por igualdade e afirmação étnica	Liliane de Santana Santos	UFOP	2016	Todas
50	“É assim que o samba vai vencendo”: Os Unidos da Tijuca e as estratégias de ascensão das Escolas de Samba do Rio de Janeiro na década de 1930 (Dissertação de Mestrado em História)	Renata Bulcão Lassance Campos	PUC-RJ (dissertação de mestrado)	2016	Todas
51	Mãe Valéria de Logun-Edé: o intenso devir do futuro	Emanoel Luís Roque Soares	Revista Sísifo	2020	Todas
52	Geração Tombamento e Afrofuturismo: a moda como estratégia de resistência às violências de gênero e de raça no Brasil	Ana Paula Medeiros Teixeira dos Santos e Marinês Ribeiro dos Santos	d'Obras	2018	Todas
53	Reconhecimento e Ressignificação	Natália de Oliveira Tavares	UFMG	2014	Todas

	ão: identidade positiva e juventude negra (dissertação de mestrado em Psicologia)				
54	Esporte e juventude do Borel	Eline Decacche Maia	s.ed.	1998	Todas
55	Juventude Negra LGBTQIA+ e suas estratégias político-ident itárias – Batekoo celebrando as diversidades (Dissertação de Mestrado em Relações Étnico-Raciai s)	Octávio de Souza Lima da Silva	CEFET-RJ	2021	Todas
56	O Grafite e o Slam como expressões contemporân eas da resistência negra ao racismo estrutural	Igor Sulaiman Said Felicio Borck	UNISINOS	2021	Todas
57	Slam: literatura e resistência	Josi de Paula	Revista Educação Pública	2019	Todas
58	Histórias das favelas da Grande Tijuca contadas por quem faz parte dela:	Ibase	Ibase	2006	Todas

	Projeto Condutores(a)s da Memória				
59	A luta do povo do Borel	Manoel Gomes	Ed. Muros	1980	Todas
60	Plano Juventude Negra Viva: Compromisso do Governo Federal para a redução da violência letal e das vulnerabilidades sociais que afetam a juventude negra e para o enfrentamento ao racismo estrutural	BRASIL	BRASIL	2024	Todas
61	Campanha Jovem Negro Vivo	Anistia Internacional	anistiainternacional.org.br	2014	Todas
62	Juventude negra no Brasil: desafios e perspectivas	Maria Julia Annanias Venâncio e outros	Friedrich Ebert Stiftung	2021	Todas
63	Corpo em festa: Juventude, sociabilidade e produção de sentido nos bailes cariocas (dissertação de mestrado em Comunicação)	Kath Pacheco Batista Louzada	UERJ	2014	Todas
64	De passinho em passinho: um livro pra	Otávio Júnior	Companhia das Letras	2021	Todas

	dançar e sonhar				
65	Funk e Passinho: Tecnologia ancestral preta	Jo Gomes	Mídia Ninja	2024	Todas

Outras informações julgadas necessárias

Perfil do Carnavalesco:

Edson Pereira – Nascido no Rio de Janeiro em 23 de outubro de 1977, iniciou a carreira artística nos anos 1990, no departamento de Arte e Cenografia da TV Globo, onde exerceu a função de assistente de Chico Spinoza, à época carnavalesco da União da Ilha do Governador. Foi sob as orientações de Chico que Edson deu os primeiros passos no Carnaval do Rio de Janeiro, como assistente na tricolor insulana. Desenhista e pintor de arte de diversas escolas de samba, formou-se em figurino pela Universidade Iona, no estado de Nova York, nos Estados Unidos.

A primeira oportunidade como carnavalesco veio em 2005, na Unidos de Padre Miguel, onde permaneceu até 2008. Em 2010, recebeu o primeiro desafio no Grupo Especial, ao assinar o desfile da Unidos do Viradouro sobre o México, ao lado de Junior Schall. Passou pela União de Jacarepaguá, Arranco do Engenho de Dentro e Renascer de Jacarepaguá, na qual conquistou o título do Grupo A (2011) e assinou o primeiro desfile da agremiação no Grupo Especial, uma homenagem ao artista plástico Romero Brito (2012).

Em 2013, de volta à Unidos de Padre Miguel após oito anos, liderou a vermelho e branca em alguns de seus carnavais mais icônicos. Foram dois vice-campeonatos, um terceiro e um quarto lugar na Série A, incluindo o aclamado desfile sobre o orixá Ossaiyn (2017). Com o sucesso e a identidade artística já bem consolidados, foi convidado para dividir com Alexandre Louzada os carnavais da Mocidade Independente de Padre Miguel em 2016 e 2017, ano em que a verde e branco conquistou seu último título, no desfile sobre o Marrocos.

Para 2018, acertou a volta para a Viradouro, onde garantiu mais um título na Série A do Carnaval do Rio, com um enredo sobre gênios da criação. Entre 2019 e 2022, foi o responsável pelos desfiles da Unidos de Vila Isabel, incluindo o rebuscamento estético do desfile sobre Petrópolis (2019) e a emocionante homenagem a Martinho da Vila, presidente de honra e ídolo maior da agremiação do bairro de Noel (2022). Neste mesmo ano, retornou à UPM, desta vez para falar sobre o orixá Iroko. Antes, em 2020, havia estreado no Carnaval de São Paulo, assinando o desfile da Mocidade Alegre sobre o canto das yabás no Grupo Especial.

O ano de 2023 marcou a estreia do carnavalesco nos Acadêmicos do Salgueiro e mais um vice-campeonato pela UPM na Série Ouro, desta vez sobre a influência dos mouros no Nordeste do Brasil. No ano seguinte, foi o autor dos enredos sobre os yanomami no Salgueiro e o Padre Cícero na Unidos de Padre Miguel, campeã da Série Ouro. Após o Carnaval de 2024, Edson Pereira chegou à Unidos da Tijuca para assinar o desfile da escola no Carnaval 2025, com o enredo sobre o orixá Logun-Edé, um antigo desejo da comunidade do Morro do Borel.

Perfil dos Pesquisadores:

Mateus Pranto – 27 anos, formado em Letras-Literaturas (UFRJ), com trabalhos e pesquisas voltados para carnaval, música e discurso, atua como professor de Português, Literatura e Redação nos anos finais e ensino médio dos colégios particulares do Rio de Janeiro. No carnaval, atua como diretor cultural, enredista e compositor. Como compositor em escolas de samba do Rio de Janeiro, já venceu no Império Serrano (2020), no Engenho da Rainha (2023 e 2024), na Lins Imperial (2018, 2020, 2022 e 2023), na Unidos de Padre Miguel (2022 e 2023), no Jacarezinho (2019) e na Vila Santa Tereza (2025). Em 2018, recebeu o Troféu Tamborim de Ouro, do Jornal O Dia, de melhor samba-enredo do carnaval mirim pela Mangueira do Amanhã. Em 2023, venceu o Estandarte de Ouro, pela Lins Imperial, como melhor samba-enredo da Série Ouro. Como enredista, há no currículo os seguintes enredos: “Pinah, A Soberana” (Lins Imperial 2020), “Mussum pra sempre” (Lins Imperial 2022), “Madame Satã” (Lins Imperial 2023), “Jovelina, A Pérola Negra do Samba” (Lins Imperial 2024), “Galanga Muzinga — A saga de Chico Rei (Lins Imperial 2025). Seus enredos foram premiados nas seguintes ocasiões: Troféu Cultura Negra no Carnaval da Coordenadoria Executiva de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura do Rio de Janeiro (Lins Imperial 2022 e 2023) e Troféu Samba na Veia (Lins Imperial 2022). Foi um dos idealizadores da 1ª Semana de Carnaval & Empreendedorismo da UFRJ, bem como do Troféu Madame Satã, relacionado ao enredo de 2023 da Lins Imperial, que reconhecia a importância de personalidades LGBTQIAP+ na luta contra a transfobia, homofobia, bifobia etc.

Osmar Igbodê – Nascido em São Gonçalo - RJ, em fevereiro de 1982, Osmar Soares da Silva Filho (nome artístico Osmar Igbodê) é poeta, professor e artista visual. Formado em Letras pela UFRJ, tem também mestrado e doutorado em Ciência da Literatura, nas áreas de concentração Teoria Literária e Poética na mesma universidade. Defendeu trabalhos de pesquisa ligados à poesia de autoria feminina e negra, com publicações de poesia e artigos acadêmicos sobre o assunto. É coordenador do curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais (Ererebá), do Colégio Pedro II, onde é professor na educação básica, em dedicação exclusiva na disciplina Português-Literaturas de Língua Portuguesa. É membro-fundador do Quilombo do Samba, grupo de pesquisa independente sobre protagonismo negro no carnaval do Rio de Janeiro, onde organiza eventos de pesquisa sobre o samba, relações étnico-raciais no mundo do samba e trabalhos artísticos sobre o tema. É artista visual gráfico com trabalhos em estilo cartoon e charge voltados para o carnaval das escolas de samba, retratando também a ancestralidade africana, os orixás do candomblé, entidades da umbanda e odus de Ifá, culto para o qual é iniciado desde 2018. Já expôs seus trabalhos junto ao 31o e 32o Arte de Portas Abertas, em 2023 e 2024, no Parque Glória Maria em Santa Teresa. Atuou também como ilustrador e capista em publicações recentes como Salgueiro 60, Portela, 100 anos de Glória, da Editora Carnavaliize, entre outros. Foi diretor cultural da S.R.E.S. Lins Imperial, de 2022 a 2024, onde seus desenhos inspiraram as esculturas do último carro alegórico do carnaval da escola, junto ao carnavalesco Eduardo Gonçalves, no ano de 2023. O pesquisador também colaborou com a G.R.E.S. União da Ilha do Governador dando consultoria em relações étnico-raciais para a escolha do samba-enredo do carnaval de 2024 “Doum e Amora, crianças para transformar o mundo”. Para o carnaval de 2025, chegou à Unidos da Tijuca para colaborar junto à equipe de criação do carnavalesco Edson Pereira, dando consultoria à pesquisa e à redação do enredo “Logun-Edé: santo menino que velho respeita”. Publicou também um fanzine inspirado na sinopse na página da escola no *instagram*. Atuou também como narrador dos vídeos de divulgação do enredo, interpretando a voz de Logun-Edé.

Raphael Homem – Carioca de 44 anos, Raphael Homem, é Pai Pequeno do terreiro de Umbanda Centro Espírita Justiça e Amor, tombado como Patrimônio Imaterial da Cidade do Rio de Janeiro, imbado e tem graduação em Jornalismo e Letras. Sua trajetória profissional é marcada por histórias contadas de diferentes maneiras, em diferentes plataformas. Atualmente tem trabalhado como redator e roteirista de exposições imersivas, dentre elas: Eu, Ayrton Senna da Silva; Barbie Experience; As fantásticas fábulas de La Fontaine e Bob Esponja - A Experiência. Em 2024 assinou a curadoria da exposição Fios, do recém inaugurado Museu de Arte e Ciência de Campinas Grande. Foi coordenador de comunicação do projeto Caminho Melhor Jovem, do Governo do Estado do Rio de Janeiro, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento, focado nas juventudes de favelas do Rio de Janeiro, que incluía, dentre outros territórios, o do Borel. No carnaval, iniciou sua trajetória na Estação Primeira de Mangueira, auxiliando na redação do Caderno Abre-Alas nos carnavais de 2010 e 2011. Em seguida, passou por diferentes agremiações participando da criação dos enredos, como Alegria da Zona Sul, Unidos de Lucas, União do Parque Curicica, entre outras. Em 2017 assumiu a Direção Cultural da SRES Lins Imperial, sendo responsável pelos enredos e redação das justificativas a partir do Carnaval de 2018, com o enredo “Zicartola”. Em seguida, participou ativamente na escolha, redação da sinopse e da defesa dos enredos “Mané é Mané e Bezerra é da Silva”; “Pinah, a soberana” (Campeão da Série Prata em 2020); “Mussum pra sempre”; “Madame Satã - Resistir para existir”; “Jovelina, a Pérola Negra do Samba” e “Galanga Muzinga - A saga de Chico Rei”. Dentre esses enredos, foi contemplado com os troféus Ed Miranda Rosa de Cultura Negra no Carnaval, oferecido pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos dos Negros, Comdedine, em 2019 e 2023, na categoria de pesquisador. E o prêmio Samba na Veia na categoria enredo no Carnaval 2022. Ainda, foi julgador do quesito Enredo em 2010 no antigo Grupo B no Sambódromo. Em 2023 e 2024 foi julgador de enredo do Grupo Especial de Vitória.

Rodrigo Hilário – Formado em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, possui pós-graduação em Cenografia e Figurino pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e especialização em roteiro e documentário pela Academia Internacional de Cinema de São Paulo. Atua desde 1999 na área de comunicação, como consultor, repórter, editor e produtor. Seu trabalho "Processo criativo nas escolas de samba: a relação entre carnavalescos e artesãos", elaborado para a conclusão da pós-graduação, foi selecionado para o 1º Congresso Nacional e Internacional Vozes do Carnaval, realizado pela Universidade Nacional da Colômbia em 2017. No Carnaval do Rio, integrou o corpo de jurados da Série A em 2016 e foi pesquisador dos enredos do Império da Tijuca em 2017 ("O último dos profetas", sobre São Joao Batista) e 2024 ("Sou Lia de Itamaracá cirandando a vida na beira do mar"); e da Beija-Flor de Nilópolis em 2024 ("Um delírio de Carnaval na Maceió de Rás Gonguila"). Chegou à Unidos da Tijuca em 2024 para integrar a equipe de criação do enredo para o Carnaval 2025.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Sob as águas de Oxum

*Não é incomum a prática dos homens de se colocar à escuta da cosmo-perspectiva iorubá.
Quantas vezes não recorremos ao Ifá para que os caminhos nos sejam revelados?
Mais, para que possamos em nossas tramas termos prudência e cuidado?
E, quando recorremos aos orixás, para pedirmos autorização para o nosso desfile, foi, por meio do merindilogun, que Oxum nos respondeu.
Benin! Benin! A rainha se apresentou e nos deixou contar a sua história, sua memória e majestade.
Nos deixou falar de seu jeito doce que gerou o maior dos guerreiros.
Nos fez mergulhar em suas águas de volta ao Útero do Mundo, Ilexá, terra dos Orixás,
na África mãe de todos os seres.
É Oxum, a rainha das águas doces, quem domina a criação.
É sobre ela que se recai a infertilidade e a fertilidade, a seca e a prosperidade.
Oxum jamais deve ser rejeitada,
pois é ela quem tem a potência de gerar o novo,
de garantir a manutenção e renovação da humanidade, dando filhos às mulheres.
Mas é ela quem se zanga com os homens quando violentam as mulheres,
pune o planeta com retirada de rios caudalosos,
mata de sede e faz sumir a vida num instante.
Seu poder sobre o mundo é tanto que seu ventre gerou orixá.
Quem nasce do ventre dela é sempre príncipe, é sempre belo, sempre-jovem-sedutor.
Ela não vê defeitos em seus filhos, pois são suas joias e riqueza.
Através dela, tudo aqui se deu.
Por meio dela, Logun-Edé nasceu.
Para ser o santo menino que velho respeita,
Do olho d'água à juventude do Borel.*

Ore Ye Ye ô! Osun!

Que a rainha das águas doces faça fluir as águas de seu filho na Unidos da Tijuca!

Logun-Edé: o santo menino que velho respeita no DNA da Unidos da Tijuca

*Somos os unidos da Floresta da Tijuca.
Trazemos na bandeira nossa distinção,
cor de amarelo ouro e azul pavão.*

(Trecho do 1º samba-enredo da Unidos da Tijuca, Carnaval 1932)

Para o carnaval de 2025, o enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos da Tijuca intitula-se “Logun-Edé: santo menino que velho respeita”. Este enredo é um desejo antigo da comunidade da agremiação, que vê, na manifestação sagrada desse orixá, um espelho de si própria.

A Unidos da Tijuca guarda, de fato, aproximações simbólicas com Logun-Edé, a começar pela localização de sua comunidade nos morros do Borel e da Casa Branca, entre as cachoeiras de sua

mãe Oxum e as matas de seu pai Erinlé, incrustadas na Floresta da Tijuca. Outra aproximação com o orixá são as suas cores, estampadas em seu pavilhão, o amarelo e o azul, que também são de seus pais e estão presentes nos fios-de-conta dos adeptos a esses orixás no candomblé. Essas cores também se relacionam à Nossa Senhora da Conceição, padroeira da escola, sincretizada com Oxum, cujas festas litúrgicas são celebradas em 8 de dezembro. Nesta mesma data, em 1931, a Unidos da Tijuca seria fundada, não fosse uma tempestade de dimensões preocupantes que adiou a criação da escola para três semanas depois, em 31 de dezembro.

Outro protetor da agremiação é São Sebastião, que, a partir dos anos 1950, passa a também figurar como padroeiro da escola, por sugestão do então presidente. Este, como sabemos, é, nas umbandas do Rio de Janeiro, sincretizado com Oxóssi (ou Erinlé).

Além disso, Logun-Edé é sincretizado com o Arcanjo São Miguel, que batiza a rua em que a escola foi fundada. Essa força do catolicismo também foi usada pelo Ilê Axé Kalé Bokum, o mais antigo da nação Ijexá no Brasil ainda em funcionamento, como nome social para fugir da perseguição religiosa nos anos 1930, quando foi fundado por Pai Severiano Santana Porto de Logun-Edé. A casa fica no bairro de Plataforma, subúrbio de Salvador, e hoje é liderada pela Iyalorixá Mãe Vânia de Oyá. Inclusive, a história da nação Ijexá contada por esse terreiro e a sua linhagem orientou não só as pesquisas sobre esse orixá, que tiveram como ponto de partida uma visita do carnavalesco Edson Pereira e de sua equipe de pesquisa ao local, em abril de 2024, mas também as decisões tomadas quanto à linha narrativa a ser seguida, conforme espiritualmente nos foi recomendado: ir pelo caminho das águas, nunca negligenciando Oxum, mãe do homenageado.

Da mesma forma, a pesquisa do enredo foi direcionada pela ida à Corte Real da Nação Ijexá, em Belford Roxo, no Rio de Janeiro, em setembro de 2024. A casa foi fundada em 1960 por Pai Zezito de Oxum, filho de santo de Pai Severiano de Logun-Edé. Àquela época, uma nova migração baiana em direção ao Rio de Janeiro foi responsável pela popularização do culto de Logun-Edé. No terreiro, ainda conduzido por Babá Zezito, atualmente com 93 anos, há um espaço reservado em memória de Severiano e das raízes ijexá fincadas no Kalé Bokum.

Outra aproximação de Logun-Edé com a história da Unidos da Tijuca são os dias de ensaios e apresentações da escola. Eles ocorrem sempre às quintas-feiras e aos sábados, consagrados, respectivamente, a Erinlé, a Logun-Edé e a Oxum.

O pavão, símbolo da escola, é um dos animais sagrados de Logun-Edé e de seus pais. A ave, segundo Hilda da Silva Ferreira (*in memoriam*), integrante da Velha Guarda e componente da agremiação desde os seus primórdios, “já aparecia em determinados pontos do desfile, mesmo antes de figurar na bandeira, por exemplo, na roupa da ala das baianas”.

Ao longo da pesquisa, deparamo-nos com mais similaridades, como a relação da escola com o culto aos ancestrais, de evidente raiz afro-brasileira, como evidenciado a seguir nas palavras de Tia Hilda: “Era Terreiro de chão mesmo. (...) De 15h às 18h, eles davam pra gente brincar de samba. Ali batia lata, cantava. Porque de 18h em diante, aí já era para os adultos que chegavam para fazer as festas deles, né? E a gente fica ali brincando, ensaiando...”, dando a entender que “a festa dos adultos” era, na verdade, um candomblé.

Essas raízes afro-brasileiras levaram a escola a celebrar a sua africanidade em enredos como “Magia africana no Brasil e seus mistérios”, de 1975, e “No mundo encantado dos deuses afro-brasileiros”,

de 1976; e “Agudás: os que levaram a África no coração e trouxeram para o coração da África o Brasil”, do carnavalesco Milton Cunha, em 2003, tendo sido um dos mais notáveis com esse foco na Unidos da Tijuca. Em 2025, a escola retoma enredos centrados em temáticas afro-brasileiras, sendo a primeira vez que conta exclusivamente a história um orixá.

Por que a história de um orixá?

Segundo Pierre Verger, orixá seria, em princípio, um ancestral divinizado, que, em vida, estabeleceu vínculos que lhe garantiram um controle sobre certas forças da natureza, como o trovão, o vento, as águas doces ou salgadas, ou, então, teve feitos que lhe asseguraram a possibilidade de exercer certas atividades como a caça, o trabalho com metais ou, ainda, adquirir o conhecimento das propriedades das plantas e de sua utilização. A passagem da vida terrestre desses heróis à condição de orixás ocorre, em geral, num momento de encantamento, que transforma sua existência em axé, poder em estado de energia pura.

A notável relação dos iorubás com os rios, savanas, florestas e montanhas escarpadas de seus territórios aponta para uma integração desse povo com os elementos da natureza e confere a base de boa parte de seus mitos. Assim, como dissemos, um ser humano que domina determinados elementos naturais, sobrepondo-se às vicissitudes naturais como a fome, a peste, o ataque de animais selvagens, a inclemência do sol e às tempestades fortíssimas, entre outros desafios, torna-se notável e pode ser venerado por seu povo como ancestral. Por seu mito apontar para a interação entre o rio e a mata, por extensão entre mulheres de Oshogbo e homens das savanas e matas dominadas por caçadores de Ilobu, Logun-Edé é quem simboliza a contribuição mútua, a influência e a interdependência de povos para formar um todo num novo coletivo.

Tendo recebido notável educação de ambos os lados de sua linhagem, ele simboliza, na concepção de mundo iorubá, o conceito de “pessoa”, cuja missão de vida está em ser instruído à luz de uma não ruptura entre história e natureza. O corpo de um ser humano, nessa cosmo-percepção, é, ao mesmo tempo, uma materialidade marcada pela continuidade imemorial das gerações anteriores, na natureza, e uma historicidade, marcada por suas decisões, valores coletivos transmitidos pela comunidade, familiaridades etc. Neste sentido, nesta visão de mundo, um sujeito-corpo só pode ser o que efetivamente é, desde que esteja integrado tanto à realidade mítica de sua própria natureza quanto à realidade histórica de suas decisões em acordo com sua comunidade.

Para entendermos a relação entre mito e história na dinâmica de nosso enredo, precisamos também nos ater às concepções de tempo mítico e tempo histórico-social no contexto africano. Ki-Zerbo, grande organizador dos estudos em torno da História da África, confere que, à primeira vista, quando se volta à leitura dos mundos-de-vida africanos, há a impressão de que os africanos estejam imersos em narrativas fantásticas sobre o seu passado, mergulhados em “costumes”, “ritos”, “tradições”, que os alheiam de uma experiência histórica e de um tempo social. No entanto, o autor recomenda um olhar menos preconceituoso para o continente negro, apontando para o sentido do tempo africano mesmo, que é o da intemporalidade, e sua dimensão essencialmente social. Isto é, o tempo africano tradicional engloba e integra a eternidade em todos os sentidos. As gerações passadas estão presentes no tempo presente. À sua maneira, os antepassados permanecem contemporâneos e tão influentes quanto o foram na época em que viviam. Isso se dá pela noção de causalidade africana, já que os fatos vividos hoje por esses povos são interpretados à luz de direções do passado sobre o presente e do presente sobre o futuro; o que se evidencia na cultura oracular, em que, para se tomarem decisões, é sempre preciso uma consulta prévia aos ancestrais. Para que as

ações dos atuais não só agradem aos ancestrais, como também reverberem positiva e irremediavelmente na vida das próximas gerações – de que esses mesmos atuais serão seus ancestrais, e assim sucessivamente, é preciso estar socialmente integrado ao todo.

Ki-Zerbo diz ainda que, se por um lado, não devemos apenas nos ater às narrativas míticas para explicar a história de um povo, por outro, o enfoque mítico - é preciso reconhecê-lo - está na origem da história de todos os povos. Toda história é originalmente uma história sagrada. Do mesmo modo, esse enfoque mítico acompanha o desenvolvimento histórico, reaparecendo de tempos em tempos sob formas maravilhosas ou monstruosas de fatos históricos como a guerra e as suas conquistas e derrotas, a fundação e/ou a destruição de civilizações e cidades, a vida e a morte junto ao governo de reis, seus sucessores e súditos eivados de magias e atos louváveis ou não, a transposição de saberes e/ou seu abandono através das gerações.

Assim, as ações passadas de Logun-Edé, como ancestral dos ijexá e, por extensão, da juventude do Borel, nos interessam por ter sido ele um herói, um conquistador, um guerreiro, caçador e civilizador das terras iorubá, migrando, na esteira de Verger, desse estado primevo de herói ao de orixá, divindade da juventude. Sua existência entendida à luz do tempo africano é basicamente eterna, e não apenas como uma experiência individual, como se sugere nos heroísmos ocidentais, mas coletiva, estando presente desde o passado, atualizando-se no futuro das novas gerações. Ele é, nesta direção, ao mesmo tempo, novo e velho, atual e ancestral, herói no tempo histórico e orixá no tempo mítico.

Ele foi, em seu tempo, um príncipe guerreiro muito irascível, que viveu em terras iorubás, segundo a tradição oral, apenas até a primeira juventude. Seu mito, ao apontar para a formação de Ilexá, mais propriamente da localidade Edé, como vimos acima, perpassa pelo seu nascimento, reconhecimento de sua linhagem por seu povo, educação pela e para a defesa da comunidade e tem seu clímax, quando ele recebe o título de Ologun-Edé, isto é, Senhor das Guerras de Edé e, conseqüentemente, se encanta numa batalha, tornando-se orixá. Ao alcançar o estado de divindade, sua jornada heroica segue os caminhos do seu povo, guiando-os pelos tempos passados, presentes e futuros, toda vez que sua presença intemporal é evocada e cultuada, reatualizando-se litúrgica e culturalmente, com uma constância que mantém sua memória e história vivas.

Por que Logun-Edé é o santo menino que velho respeita?

Este enredo segue os sentidos de uma frase atribuída à Mãe Menininha do Gantois, que diz: “Logun-Edé é santo menino que velho respeita”, o que aponta para uma ambigüidade: o velho respeita o menino e por ele é respeitado, equilíbrio característico dos orixás que têm em sua natureza a dualidade, como Logun-Edé. Essa sentença da grande iyalorixá da Bahia nos leva ao conceito de *senioridade*, de extrema importância para a organização social e política dos iorubás.

Logun-Edé é, segundo Nei Lopes, o orixá filho por excelência, ou seja, ele não é apenas filho de seus pais biológicos, mas de toda uma comunidade. Sua manifestação sagrada remete ao irremediável elo entre quem veio antes e quem vem depois, entre quem ensina e quem aprende, para, posteriormente, ensinar valores aos seus próprios descendentes e, assim, sucessivamente. Neste sentido, a senioridade é um valor estruturante para os africanos e sua diáspora, pois, diferentemente do conceito ocidental de hierarquia, na aldeia, todos podem ensinar e aprender, não sendo exclusivamente dado de um ou dois iluminados o dom de transmitir conhecimentos.

A pensadora iorubá Oyeronke Oyewumi diz que pensar em senioridade é pensar em termos relacionais porque ninguém é permanentemente e indefinidamente mais velho ou mais novo que outra pessoa, o que nos coloca sempre na posição de um sujeito em errância, embora algumas características se conservem, relacionalmente. Pode-se ser uma pessoa mais nova em relação a uma pessoa mais velha, mas diante de uma outra pessoa que ingresse recentemente na comunidade, pode-se ser mais velho que ela. Assim, ser mais velho e mais novo, ao mesmo tempo, é uma realidade dinâmica nessa cultura.

A relatividade etária é o princípio vital da organização social iorubá, cuja lógica de conhecimento requer uma prática contínua de negociação de significados fluidos e situacionais em que a relação com a fala e a escuta caracteriza a dimensão ontológica da senioridade pelo simples fato de a linguagem ser um fenômeno eminentemente relacional, e com um lugar de destaque em sociedades nas quais a oralidade é central nas formas de descrição e construção de relações e de conhecimento. A senioridade não expressa apenas a linguagem do status e o vocabulário escutável da cosmologia e instituições socioculturais iorubá, mas também implica e demanda responsabilidade com a comunidade.

O ensinar e aprender, e a inserção sócio-comunitária das pessoas mais novas, orienta-se pelos valores transmitidos pelas pessoas mais velhas, cuja sabedoria costura os tecidos das personalidades e relações sociais. Ser sênior é assumir a responsabilidade coletiva sobre quem nasce depois, ciente de que a pessoa mais velha só existe – situacional e relativamente – em função da mais nova e vice-versa.

No nosso enredo, isso está espelhado na relação de Logun-Edé, o mais novo dos orixás, com Oxalá e com demais orixás, que representam os seus mais velhos, dando direções ao seu destino e jornada no Ayê. E, em a partir dessa relação formativa, Logun-Edé tornar-se herói de seu povo, garantindo a continuidade de sua descendência em seus mais novos. Assim, o ciclo da senioridade se completa, já que relacionalmente Logun-Edé é o santo menino que respeita os velhos e por eles é respeitado, bem como ele é, para nós, o mais velho que respeitamos em homenagem.

A relação entre o velho e o novo na G.R.E.S. Unidos da Tijuca

A Unidos da Tijuca é uma agremiação, que, mesmo do auge de seus 93 anos, é sempre capaz de conectar o tradicional e o moderno. Nascida no apagar das luzes do ano velho, a 31 de dezembro de 1931, a escola foi fundada a partir da necessidade de uma nova forma de as famílias negras operárias do bairro da Tijuca e de seu entorno brincarem o carnaval. Até então, eram afoxés, cordões e blocos que constituíam a folia preta tijuca, à margem das Grandes Sociedades, notavelmente elitistas, numa era de intenso eugenismo no País. A escola de samba surgiu de uma busca por organização e organicidade dessas famílias, para, então, figurarem elegantemente na sociedade racializada. A formação do cortejo tijucano notabilizou-se por tirar o samba da marginalidade a que era relegado, garantindo-lhe o status de nobreza e respeitabilidade que tanto almejavam. Isso acabou por consolidar a agremiação como uma das mais tradicionais do carnaval carioca, tornando-a a senhora que atrai os jovens para o seus quintais há mais de 90 anos. Sua prática de conectar o tradicional e o moderno tem se concretizado em seus carnavais inovadores, surpreendentes, como “O Sonho da Criação e a Criação do Sonho: a arte da ciência no tempo do impossível”, com seu marcante carro do DNA, que, em 2004, inaugurou uma nova forma de se conceber as alegorias, entre outros, como o “É segredo!”, que inaugurou uma nova forma de abrir os desfiles com a marcante comissão de frente de mágicos e seus truques de troca de roupa. Assim, tal qual seu orixá

tutelar Logun-Edé, a Unidos da Tijuca é uma escola que desafia os consensos de como brincar o carnaval e segue desafiando-os de forma inquieta e intensa, já que seu destino é sempre recomeçar.

De Logun, a dualidade como forma de expressão

Toda a narrativa se dá utilizando dois gêneros textuais distintos.

Primeiro, o gênero *slam*, poesia falada ou versificação improvisada que serve de protesto dos jovens periféricos nas chamadas batalhas de rima comuns nos dias atuais. Essa parte da apresentação do enredo traz a “voz” do próprio orixá, que, em 1ª pessoa do singular, conta a sua história. Um de seus atributos é o de inspirar os poetas e artistas em geral em suas composições, e entendemos que a força da oralidade, ainda que transposta para a escrita, é, libelo da palavra como instrumento condutor de axé, força dinâmica que permite acontecer o que está sendo proferido por ela. Ouvir as cosmos percepções africanas, segundo Hampate-Bâ, implica confiar na palavra. Assim, é através da palavra falada publicamente e seu exercício diário que um indivíduo deixa de ser apenas uma coisa animada, tornando-se um ser, pois para o africano, a palavra exerce a função de conectar o ser à comunidade, à ancestralidade e à natureza.

Depois, há a predominância do gênero descrição, em textos em tom referencial em 3ª pessoa, apontando os elementos do cortejo e fundamentando-os histórica e culturalmente. Essa escolha por dois turnos narrativos se deu por representar um traço do próprio homenageado: a sua dualidade, que reúne o encanto de sua mãe Oxum, na poesia, e a destreza objetiva de seu pai Erinlé, na descrição.

Qual é o fio condutor do enredo?

Nosso enredo é conduzido, como vimos, pelo princípio da senioridade, a relação que existe entre os mais novos e os mais velhos, na dinâmica mítico-social das comunidades iorubá. Nessa cosmo-percepção de mundo, todo ser provém de uma realidade prévia, desenhada no Orun, na outra vida, e nossos comportamentos ainda nesta dimensão determinam o cumprimento de nosso destino ao nascermos. Tudo isso é conhecido por Ifá, uma inteligência cósmica divina que é codificada nos odus ifá, decodificados por Orunmilá, patrono do oráculo sagrado que delinea o rumo dos nossos caminhos no Ayê. Assim, a história de Logun-Edé: do seu nascimento à sua apoteose celebrada pela juventude do Morro do Borel e consagrada na bandeira da Unidos da Tijuca, é, na essência de seu fundamento, uma das muitas histórias narradas por Orunmilá-Ifá, na tradição iorubá.

A profecia proferida por Orunmilá-Ifá sobre Logun-Edé será pelo próprio protagonista da história contada, à medida em que ele, como narrador-personagem, em crescente tomada de consciência, vivencia tudo o que foi dito sobre seu destino a sua mãe, no jogo de búzios, confirmado em Benin, quando ela ainda estava grávida dele.

A partir disso, a progressão deste enredo é composta pela seguinte ordem: a existência de Logun-Edé em outra vida no Orun; sua concepção e seu nascimento no Ayê; o reconhecimento de sua linhagem e de sua natureza por Ilexá; a aprendizagem com os mais velhos e sua atuação na guerra entre Oyó e Daomé; seu encantamento, refúgio em Abeokutá e travessia atlântica de seu povo; seu renascimento e culto em terras brasileiras e, por fim, sua apoteose – honra e glória presentes em cada ser vivo, atualizando-se na juventude periférica, e consagradas na Unidos da Tijuca. Do olho d’água o Morro do Borel.

Outras informações julgadas necessárias:

Todo o enredo perpassa, de saída, por uma gama de locais situados na Iorubalândia, região sudoeste do atual país Nigéria, leste do Benin, antigo Daomé, próximo à costa; e nas savanas do interior, numa vasta extensão de terras onde predominam florestas. Segundo Nei Lopes, o etnônimo “iorubá” designava originalmente apenas os integrantes do povo de Oyó, mas atualmente esse termo abrange vários subgrupos populacionais que compartilham a cultura e a língua milenares nas regiões citadas.

O nascimento do Império de Oyó está ligado a Ifé e ao Benin (não confundir com o atual país Benin), pois seu fundador, o legendário Oranian, avô do 4o Alafin de Oyó Xangô, teria reinado simultaneamente no Ifé e no Benin antes de se voltar a Oyó. Muitos Estados que já existiam nesta zona, antes do Oyó, foram seus vassallos. Porém, a expansão de Oyo foi detida pelos ijexá, liderados por Logun-Edé, habitantes da floresta, pois a cavalaria do Império não podia intervir em regiões cobertas pela mata, o que reforça o caráter heroico do guerreiro de Edé, Logun-Edé. Os ijebu dos países escarpados dos ekiti (outro povo colorário dos Ijexá) também escaparam ao controle direto do Oyo. O Reino do Benin, a Leste, constituiu também uma barreira à expansão de Oyo e, segundo a tradição oral, os dois Estados estabeleceram uma fronteira de árvores, na cidade de Otun. Assim, Oyo criou um rota comercial até a costa, através dos territórios Egba (Abeokutá) e Egbado (onde passa o rio Euá), no estado de Ogun, a Sudoeste, onde o seu domínio se impôs ao Daomé.

Por sua vez, desenvolvimento político do reino do Daomé e dos Estados vizinhos como Uidá e Popo, em grande parte, esteve ligado às atividades dos europeus - negociantes de escravizados -, na costa, e à influência do reino Iorubá de Oyó, situado a Nordeste desses Estados, que tentou impor sua autoridade ao Daomé, neutralizando sua força guerreira e permitindo-lhe estruturar-se politicamente com sucessivas migrações iorubás à região que hoje compreende a atual República do Benin, vizinho a Ilexá (não confundir com Reino do Benin,). Após um relativo período de paz, o Daomé, já sob domínio da dinastia do rei Gezo, se adaptou plenamente ao tráfico negreiro imposto pelos europeus, e, a partir disso, construiu os fundamentos de sua potência, beneficiando-se da ruína do país iorubá com as sucessivas guerras que acabaram por dilacerá-lo. Uma dessas instabilidades internas no país iorubá que beneficiaram diretamente as investidas do Daomé compreende a tentativa frustrada de domínio dos ijexá, sob o comando de Logun-Edé, sobre Ibadan.

Já Ilexá foi um importante centro militar, fundado por Obokun, um dos filhos de Odudua, quando, já cego, fez a partilha das principais terras iorubás entre os descendentes. Coube a Obokun o território de Ilexá a nordeste de Ifé e a sudeste de Oyó. Este guerreiro recebeu a cidade quando foi até o mar buscar água para curar a cegueira de seu pai. Na volta a Ifé, compartilhou riquezas com os irmãos, restando-lhe apenas uma espada de ferro e, diante do pai, disse: m’o B’okun, “tenho a água do mar”. Então, lavou os olhos do pai e restituiu-lhe a visão. A partir disso passou a ser chamado Obokun, e com sua espada de ferro saiu em conquista das terras próximas de Ifé, fundando Ilexá. O Owo Ilexá, isto é, ancestral do povo ijexá e um de seus descendentes é Laro, um rei que fez uma aliança com Oxum em Oshogbo. Nessa região, onde correm os rios Oxum e Erinlé e onde se situa Ipondá, nasceu a devoção a Logun-Edé (também chamado na tradição oral de Laro). O Owo Ilexá, ancestral de Logun-Edé, tentou expandir o território dos Ijexás atacando Ibadan, sendo pelo seu exército derrotado e finalmente subjogado a Oyó.

Figuram a seguir mapas ilustrativos dessa região e suas importantes localidades, na época do Império de Oyó. Percebe-se, em destaque, a localidade Ilexá (grafada *Ilesha*), a Leste, e suas

proximidades, que compreendem Ilobu, Oshogbo e Edé, às margens do Rio Osun, no atual estado de Osun. Vê-se também o próprio Oyó (grafado Oyo) ao centro da região, bem como Abeokutá, a sudoeste, local que foi centro importante de rotas comerciais na região e de entrepostos coloniais, desde a expansão árabe-islâmica, do século XIII em diante, até o contato com os europeus, a partir do século XVI. Abeokutá, por exemplo, foi rota de comércio de escravizados, por ser passagem do rio Ògún (não confundir com a divindade), em direção aos grandes lagos que desembocam no Golfo da Guiné, parte importante da chamada “Costa dos Escravos”, que compreendeu historicamente as localidades nas costas dos atuais estados do Benin, Togo, Gana, Nigéria e Camarões, destacados no mapa 2.

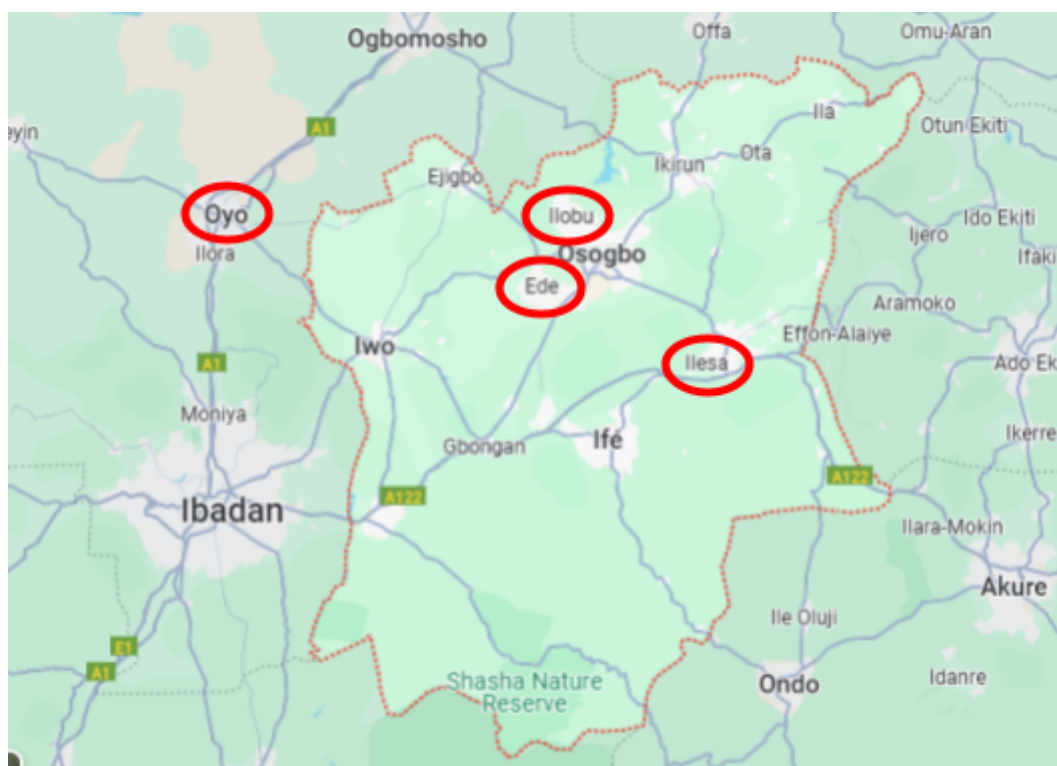
Mapa 1 – Iorubalândia à época do Império de Oyó



Mapa 2 – Atuais estados de Gana, Togo, Benin, Nigéria e Camarões, no Golfo da Guiné, antiga “Costa dos Escravos”

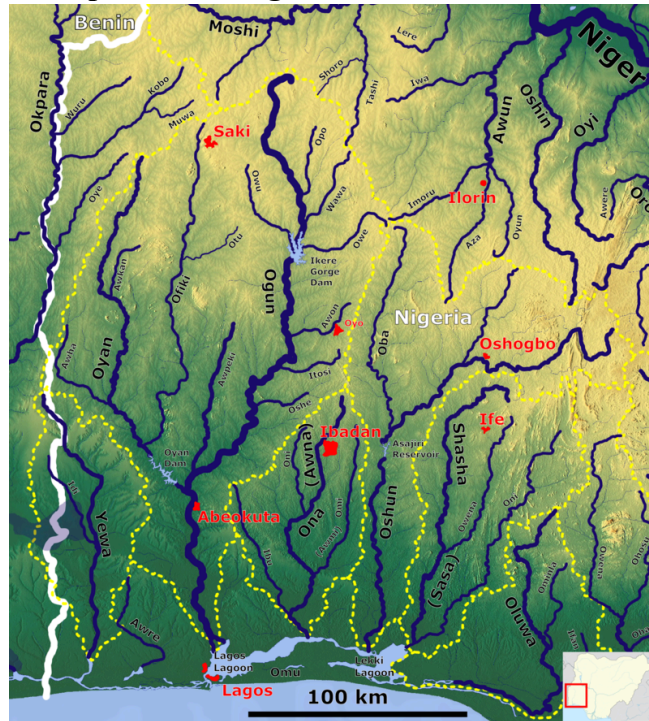


Mapa 3 – Estado de Osun, na Nigéria (linha pontilhada), com destaque para as cidades de Edé e Ilobu, entre as quais ocorre o encontro dos rios Osun e Erinlé, além de Ilesa; à esquerda, a cidade de Oyó, onde ficava a sede do antigo império



Mapa 4 – Abeokutá, cortada pelo rio Ogum, que deságua na bacia à beira do Golfo da Guiné

Mapa 5 – Hidrografia do território iorubá



Outras informações julgadas necessárias:

Imagem 1



Foto: Reprodução - Pierre Verger

Elegun de Logun-Edé portando ofá (arco-e-flecha) e agadá (espada) ritualísticos

Imagem 2



Sacerdotisa de Osun (Oxum) em Oshogbo, estado de Osun, Nigéria

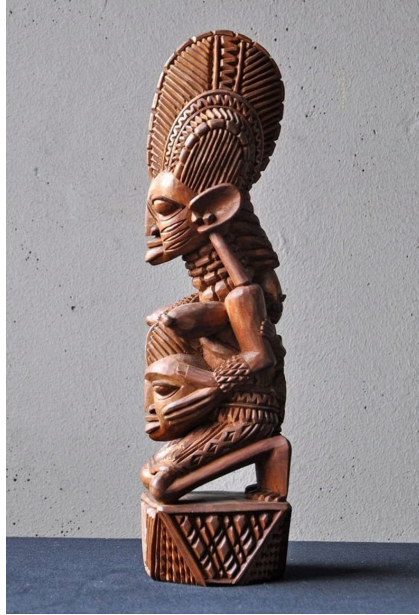
Destaque para seu penteado chamado popularmente *patuá*, com cabelos trançados e arrumados de forma a sugerir o ori de Osun, em referência à *adié*, a galinha da Angola com que Oxum compartilha segredos de fertilidade e participação na criação do mundo.

Imagem 3a



Reprodução: detalhe do Osun Temple, no estado de Osun, Nigéria. Oxum é representada rodeada por crianças, reforçando sua qualidade maternal e sua capacidade de dar filhos às devotas e aos devotos.

Imagem 3b



Reprodução: Típica arte escultórica yorubá representando Oxum. A arte yorubá (e de outras partes do continente africano) não costuma ser antropomórfica, mas é notória por acentuar conotativamente características da entidade retratada, como por exemplo as orelhas de Oxum são grandes pois representam sua grande capacidade de, bondosamente, ouvir os seus devotos, bem como seus seios pontiagudos e à mostra representam sua função nutridora, extensiva às mulheres das comunidades que rege.

Imagem 4



Reprodução: Elegun (iniciada) leva presentes a Iyemoja (Iemanjá), representada como Obirin Ejá (mulher peixe) à beira do Rio Ògún, em Abeokutá, no Estado de Ògún, Nigéria

Imagem 5



Reprodução: Imagem do Rio Ôgún, tendo ao fundo a cidade de Abeokutá

Imagem 6



Reprodução: Severiano Santana Porto (1894 - 1970)
(Babá Severiano de Logun-Edé, fundador do Ilé Axé Kalé Bokun, na Bahia)

Imagem 7:



Reprodução: José Zeferino Aquino (1931 -),
o Babá Zezito de Oxum, sacerdote da nação ijexá no Rio de Janeiro

Imagem 8



Reprodução: Hasteamento do pavilhão da Unidos da Tijuca
no quintal da casa da Família de Bento Vasconcelos, no morro da Casa Branca, anos 1930.
Destaca-se a origem preta da escola, fundada pela família baiana migrada para o Rio de Janeiro.

Imagem 9



Reprodução: Primeira sede da Unidos da Tijuca, no morro da Casa Branca, anos 1930

ABERTURA

“Eu não descanso depois da missão cumprida”

A missão dada a Logun-Edé desde o Orum: ser o santo menino que velho respeita

Tudo começa na outra vida. No Orum, dimensão invisível, onde os orixás, entidades divinas, convivem e definem nosso destino. Suas decisões reverberam em nossas vidas. Conta-se que Logun-Edé, ainda em sua forma plenamente espiritual, no Orum, envolveu-se em travessuras com Oxalá, o criador do universo. O resultado dessa brincadeira com o mais velho dos orixás o fez ter de cumprir uma missão, em forma humana, no Ayê, para reconquistar o seu respeito. Esse destino será refletido no olho d’água, o *Orisun*.

PRIMEIRO SETOR

*“Reflete o espelho, orisun,
nas águas de Oxum, à luz de Orunmilá
Magia que desaguou na ribeira
e fez o caçador se encantar”*

A concepção e o nascimento de Logun-Edé no Ayê pelo desejo de Oxum

Este setor retrata a concepção e o nascimento mítico de Logun-Edé, fruto do desejo de Oxum por Erinlé. Na cosmo-percepção iorubá, o mundo visível da natureza, o Ayê, e o invisível das divindades, o Orum, vigem de forma simultânea e, muitas vezes, consequentes. O que acontece no Orun reverbera no Ayê, e vice-versa. Essa conexão espelhada se decodifica a partir da voz de Orunmilá-Ifá, testemunha da criação do universo e conhecedor de todos os destinos, os quais são revelados por meio de itans (histórias tradicionais da oralidade africana). Um desses itans conta como Oxum foi capaz de manipular as energias femininas, como a sedução, a fertilidade e a beleza, para alcançar o seu intento: conquistar Erinlé, caçador de beleza bruta, e engravidar dele, conforme havia recomendado a ela o babalaô. Grávida, Oxum recorre à nova consulta a Orunmilá, através do opelê-ifá, agora para saber o destino do seu filho, sobre quem o jogo revela profecias de grande destino. Reverenciado pelo concílio dos espíritos superiores do Orum, nasce, no Ayê, Logun-Edé, o filho querido da Rainha de Oxogbô e do Rei de Ilobu, o Príncipe de Ilexá, a Terra dos Orixás, e representante máximo da nova humanidade, para cumprir sua jornada já traçada no Orum. A concepção e o nascimento de Logun-Edé, dessa forma, demonstram do que são capazes as mulheres quando desejam: fertilizar o mundo, organizar o cosmos a seu favor, restaurar o equilíbrio entre Orum e Ayê e entre o feminino e o masculino.

SEGUNDO SETOR

*“Sou eu, sou eu
príncipe nascido desse grande amor,
herdeiro da bravura e da beleza,
é a minha natureza
a dualidade e o fulgor”*

O reconhecimento do principado de Logun-Edé pelo povo ijexá

O segundo setor retrata Logun-Edé sendo reverenciado pelo seu povo como Príncipe de Ilexá, a Terra dos Orixás. Na tradição iorubá, para um ser humano tornar-se orixá, deve ser notável em suas características, linhagem e feitos durante sua trajetória no Ayê. Em vista disso, por decoro à primogenitura de Logun-Edé, os ijexá celebram, por meio de presentes, cantos e danças, a sua realeza e a sua capacidade de reunir traços de seus pais, oriundos de mundos distintos, e integrá-los em sua própria natureza *metá-metá*, ou seja, tríplice. Neste contexto, a ancestralidade veneram o jovem príncipe Logun-Edé e a sua grande importância para a comunidade.

TERCEIRO SETOR

*“De tudo que aprendi,
o todo que reuni,
fiz imbatível a força do meu axé”*

A educação do Príncipe Logun-Edé para a guerra

O terceiro setor retrata como Logun-Edé foi educado por toda uma aldeia em Ilexá, Terra dos Orixás, para exercer sua função de guerreiro, defensor e condutor de seu povo. Na concepção africana de mundo, os mais velhos, que representam domínios dos orixás, ensinam valores, transmitem tradições, narram histórias aos mais novos, que lhes permitem dominar habilidades necessárias para a sobrevivência. Essa dinâmica de ensinar e aprender na comunidade fundamenta o princípio da senioridade e do respeito entre mais velhos e mais novos na aldeia. Dessa forma, ao reunir uma constelação de saberes, ele se torna Ologun-Edé, o Senhor das Guerras de Edé.

QUARTO SETOR

*“Com brilho imenso, desafio o consenso,
Inquieto e intenso, sou Logun Edé!
O Akofa e! Odoya!
O Akofa e! Desbravei o mar
Não ando sozinho, montei no cavalo-marinho!
Abri caminho pro povo de Ijexá”*

O encantamento de Logun-Edé na guerra e o exílio de seu povo em Abeokutá

O quarto setor retrata como, depois de instruído pela aldeia para se tornar um guerreiro, Logun-Edé envolve-se em batalhas em defesa de seu povo durante as guerras entre os Impérios de Oyó e do Daomé. Ele vence muitas, porém, numa delas, que atinge Ilexá, há o seu encantamento ainda jovem e a migração de seu povo em busca de refúgio em direção a Abeokutá. É, neste lugar, conforme tradição oral iorubá, em que se deu a dinâmica de acolhimento entre povos autóctones e migrantes. Os povos que chegam, os mais novos, harmonizam-se com os que já existem, os mais velhos. Essa harmonização aconteceu quando Iemanjá, a senhora do rio Ogun que corre para o mar, acolheu-os e deu-lhes, na foz, como estratégia de sobrevivência, na presença dos demais peixes, uma tropa de cavalos-marinhos, com os quais atravessam o Oceano rumo à outra margem do

Atlântico: O Brasil. Assim, o encantamento de Logun-Edé na guerra resulta no encantamento de seu povo. É dessa forma que subvertem o horror da escravidão.

QUINTO SETOR

*"E no rufar dos ilus, meu tambor
a fé no Kalé Bokun assentou,
na proteção de meus pais, ofás e abebés
Sou a Tijuca e seus candomblés"*

*"Orixá menino que velho respeita,
recebi sentença de Pai Oxalá."*

O renascimento de Logun-Edé no Brasil

O quinto setor retrata como o povo ijexá se estabelece no Novo Mundo. Na Bahia, Logun-Edé renasce em seus descendentes iniciados ao seu culto em Salvador, primeiramente no candomblé da Barroquinha, o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, hoje chamado de Casa Branca do Engenho Velho, onde iniciados aos orixás Oxum e Erinlé fazem renascer Logun-Edé, orixá que guarda o segredo de seus pais. Após certo tempo, a nação Ijexá vem a se consolidar através de Babá Severiano de Logun-Edé, que funda o Ilê Axé Kalé Bokum, em Plataforma, também em Salvador, na Bahia. O culto a Logun-Edé chega ao Rio de Janeiro, então, através de Babá Zezito de Oxum, iniciado sob os fundamentos de Babá Severiano, em Salvador. Esse deslocamento faz o culto a esse orixá experimentar vigoroso renascimento aqui no Brasil. Uma vez implantado, esse axé ultrapassa os muros dos terreiros e toma as ruas para ser celebrado com afoxés conduzidos por Oxalá, o mais velho dos orixás, que permite o axé de Logun-Edé, o mais novo dos orixás, espraiar-se fecundamente pelo país e tornar-se o grande orixá, o santo menino que velho respeita. Ele cumpre, assim, o desígnio que lhe foi dado: emanar, no seu mistério, a eterna jovialidade que se renova em cada ser vivente.

SEXTO SETOR

*"Um lindo leque se abriu,
ori do meu pavilhão
amarelo-ouro e azul pavão"*

*"Eu não descanso
depois da missão cumprida
a minha sina é recomeçar"*

O cumprimento do destino de Logun-Edé na juventude do Borel

O sexto setor retrata o cumprimento do destino de Logun-Edé, espelhado na atualidade do seu mistério que se renova em cada ser vivente, sendo representados pelos jovens do Morro do Borel. Sua altivez, versatilidade, liberdade, bravura e destreza são atributos que compartilha com essa juventude, consubstanciada em seus animais votivos, os quais habitam a sua natureza. É a certeza de que a centelha de seu axé nunca morrerá. Logun-Edé, enfim, tem a sua apoteose ao ser reconhecido pela comunidade do Morro do Borel, onde sempre esteve pousado, zelando pela juventude que,

agora, canta em louvor ao seu legado e à sua imortalidade pelas próximas gerações e a sua consagração na Unidos da Tijuca.

SINOPSE

Logun-Edé: santo menino que velho respeita

Carnavalesco: Edson Pereira

Texto e Pesquisa: Mateus Pranto, Osmar Igbodê, Raphael Homem, Rodrigo Hilário

Tudo começa na outra vida.
Na África, de onde eu vim,
acredita-se que os bebês não vêm do vazio,
mas de uma existência rica,
em outro mundo, a que chamamos de Orum.
Assim determinou Orunmilá-Ifá.
Quando nascemos, nosso destino já foi traçado noutra mundo.
Com que segredos se cumpre cada folha?
De que formas se encontram os rios em seu percurso?
Como se misturam as águas que contaram nossas histórias?
A minha sina refletida no olho d'água, Orisun.

Tudo se determina sobre a tábua redonda do oráculo sagrado.
É preciso ouvir e sentir Ifá em sua enorme sabedoria.
É por meio da divinação que se descobre como nascemos e de quem nascemos e *quem* nascemos e a quem faremos nascer.
É nos odus que se descortinam o início e o fim, os caminhos.
Meu destino? Sempre quis saber! E divino ele, por Ifá, me foi revelado antes mesmo de nascer e eu vir a cumprir a minha jornada no Ayê:
ser o santo menino que velho respeita!

Vigem o Orum e o Ayê.
Onde estava meu grito?
Onde eu havia nascido?
Foi na beira do rio?
Foi no mato bravio?
Mas em que verdes veios esqueceram o meu nome?
Em que lábios os enredos descreveram minha linhagem?
Como rememoram os totens que sustêm meu itan
Viria ao Ayê, pois Yeyê Pandá me desejou.
No Ifá ela se aconselhou de como eu deveria ser concebido.
E como a ela determinou Orunmilá Com sabedoria, a fertilidade, a beleza e a sedução

Para conquistar um Caçador de beleza bruta
Ela manipulou.
Ao sétimo mês, recorreu aos búzios
Para saber o meu destino.
Em Benin, no opelê-ifá, tudo se confirmou:
celebrado pelo concílio de espíritos superiores do Orum,
viria a ser o menino, o filho querido que Erinlé caçando ensinou.

Por reverência à minha primogenitura,
ancestrais se levantaram
como grandiosos elefantes
e me trouxeram marfins como presente.
As mais poderosas sacerdotisas da minha terra
me ofertaram deliciosas comidas: axoxô de meu pai e omolokum de minha mãe,
mas também muitos lelês adoçados com mel silvestre.
Meu povo, em cortejo,
Também me ofertou ervas e ilus
Desejando saúde e longevidade.
E ao som do ritmo ijexá,
Me deram pequena cabaça
para guardar os segredos espirituais.
E assim toda a gente reconhecia respeitosamente
a minha realeza, meu principado, minha nobre linhagem.

Sim, sou o Príncipe Herdeiro da raça dos meus pais!
Cresci entre dois reinos, mas conheci muito mais.
Não sou apenas deles e “ao meio”.
Sempre fui eu mesmo e mais quem eu quiser me tornar.

Minha mãe, de quem herdei a sensibilidade, a beleza e a inteligência,
me ensinou a nadar entre os peixes.

O rabo do peixe sou eu quando ela nada,
e eu sou suas barbatanas, e suas escamas que brilham na água.

Meu pai, de quem herdei a bravura e a esperteza,
me ensinou a ser pássaro,
com todas suas penas e cores,
Leveza em voo sem rastro,
Silêncio e canção por toda a parte.
Ele me ensinou que ser certo
é mais importante que ficar na indecisão.

Caçador e pescador, sou minha própria natureza.
Eu sou o úmido e o seco, o líquido e o sólido.
Eu sou a neblina que desfaz a fronteira entre a terra e a água.
Eu sou o cílio das matas, a floresta, a margem e o fundo dos rios.

Estou na areia molhada, onde meus pais se amaram.

Sou o único capaz de reunir todos os mundos.
Sou o equilíbrio entre os homens e as mulheres.
Assim tenho tudo, pois príncipe sou!
Cintilo a minha beleza, pois sou um homem muito belo.

E nobres de outros reinos, mais velhos
Que guardam as forças da natureza
As quais fluem no Tempo
Vieram também me saudar

Em Ilexá eu fui quem Ifã determinou na areia dos odus:
Príncipe altivo, feroz como o leopardo, leve como os pássaros, múltiplo como o
camelão e incansável como a lebre.

E, como recomendam os velhos sábios africanos,
foi preciso toda uma aldeia para me educar.
Havia um grande mundo a ser desbravado
para além dos limites de Ilexá.

Exu, o meu griô, me ensinou a ser três,
seis meses no rio, no meio do mato mais seis.
Assim, sou eu mesmo, mas nunca metade.
Transformo o destino de acordo com o vento,
encruzilhada também é caminho, de cada lado ou no centro.

Depois fui vencendo as dúvidas todas,
se era um, se era dois, se era três.
Oyá foi minha mãe, quando minha Mãe longe esteve.
Ela me ensinou a ser imponente como ela.
Ogum, exímio ferreiro, foi meu pai, quando Odé se ausentou.
Ele me ensinou a forjar as minhas armas e a manuseá-las na guerra.
Eles me ensinaram a nunca baixar
a coroa, a cabeça e a guarda jamais!

Um dia me encontrei em percalços, atirei onde não deveria.
A morte assim me rodeia...
Quer minha vida como se corta a mata na colheita.
Quer minha parte e que eu vá para outro mundo.
E Ossain me instruiu que, sem as folhas, é impossível seguir.
Obaluaê me acolheu e me orientou como curar as feridas.
Euá me deu o poder da camuflagem.

Todos eles de mim cuidaram, me criaram, me espelharam.

Quem acolhe o destino dos seus, e, *do jeito que for*, o respeita.
E eu os respeito.
Tudo que aprendi, o todo que reuni
fez imbatível a força do meu axé!
Meu destino era ser guerreiro
e impor facilmente o meu poder entre guerra e beleza.
E ecoam os tambores azul-waji dos festivais dos bravos guerreiros
Em minha louvação.
Tudo isso me fez merecer o meu nome:
Ologun-Edé, O Senhor das Guerras de Edé!
Conforme um dia determinou Ifá.

Quando houve a guerra entre o Império de Oyó e Daomé, Ilexá foi atingida
Eles queriam tomar as nossas riquezas
Desafiar a nossa prosperidade
Humilhar a nossa altivez e a nossa realeza,
Controlar as águas com as quais nos nutríamos,
Escravidar nossos corpos, vender nossa liberdade como objetos úteis.
Lutamos. Por muito tempo não sucumbimos às sinuosas áspides do inimigo.
Mas, um dia, ainda jovem, me encantei.
E meu povo de Ilexá se exilou.

Passamos por outros rios,
perseguido nascentes de outros povos,
conduzindo nossas águas e os cílios das nossas folhas verdes
aos verdes de outras gentes.

Refugiamo-nos em Abeokutá, nossa fortaleza entre pedras
Onde o Rio Ogun, em seu percurso,
Nos leva à foz, desembocando no oceano.

É lá que Iemanjá nos fez sonhar com outras terras,
diferentes de Irá,
de Irê,
de Ile Ifé,
de Ilobu, das savanas e planícies férteis de meu pai Erinlé,
de Oxogbô, do rio caudaloso de minha mãe Oxum,
e de Ilexá, onde reinei,
Todas elas perdidas em guerras.

Sob a luz da lua
que influencia as marés que conduziram nossa travessia,
em respeito a mim e ao meu povo,
ela nos deu uma estratégia de sobrevivência:
na presença dos demais peixes,
uma tropa de cavalos marinhos.

E, em alto mar, hipocampo encantado,
entre os jovens, mergulhamos.
Meus milhares de filhos no ventre,
superamos o horror dos tumbeiros
magicamente em transe, encantados guerreiros.
Com quem desembarquei na outra margem do Atlântico
Praias claras de gente estranha.

Foi dessa forma que abri caminho para o povo ijexá.
Mas eles tratavam mal os meus filhos e minhas filhas,
meus adolescentes e minhas adolescentes,
meus jovens e minhas jovens, meus meninos e minhas meninas.
Eles não viram neles os príncipes e princesas que eu via.
Mas quem pode partir as águas e contar as folhas?
Não seremos repartidos pela escravidão!

Resisti nos que amei.
Quando rufaram os ilus
que fundamentam o meu axé pelos candomblés,
Renasci na cabeça dos Reis e Rainhas de um Príncipe Coroado.
Reconstitui nessas terras a nação Arô.
Pois eu sou o segredo,
filho do Rei da Nação Ketu
e da Rainha da Nação Ijexá.
Os otás, que testemunham o tempo, sabiam:
Sempre estive presente quando clamavam por mim.

E assim sou cultuado nos axés do Brasil,
terra e água que deram lugar ao meu reino.
Com Babá Severiano, ergui, na Bahia, a casa do Kalé Bokun.
Com Babá Zezito, minha força chegou ao Rio de Janeiro,
onde desembarquei com a Corte Real Ijexá.

Também estou nos assentamentos
Que sustentam a vida dos que me seguem.
Estou nos pedidos daqueles que comigo buscam
A solução para as causas impossíveis!

Cumpro meu destino nos candomblés de rua, meus afoxés, bem tocados,
ao som de um ijexá charmoso.
Cumpro meu destino sob os olhos de Oxalá
O mais velho do panteão iorubá
Que lidera o meu cortejo
e o encobre com seu majestoso Alá fun fun.
Quem no Orum me concedeu a sina de recomeçar
Hoje permite que a jovialidade que mora no meu mistério emane

De forma fecunda
Em cada ser vivente
Pois, sendo o “santo menino que velho respeita”,
Entendi que o respeito é, na verdade,
uma via de mão-dupla:
Como o futuro é ancestral,
Os mais velhos devem ser cultivados
exaltados, para que o novo possa existir.

E aos meus eu conclamo:
exibam seus axés nas praças negras desse país!
Contem minha história!
Reconheçam e propaguem o meu mito,
Assim como o velho Orunmilá me determinou.

Eu sou a força da juventude no tempo.
Estou no presente e daqui olho para o futuro.
Estou no passado e de lá resgato as tradições.
Estou no futuro em que meu legado é imortal!
Eu nunca morro.
Eu sou o horizonte para as novas gerações, a continuidade da vida.

Também estou no desafio aos limites.
Sou o combate à humilhação das pessoas
subalternizadas, empobrecidas e constringidas simplesmente por existirem.
Ousadia é meu nome
contra os que negam uma vida
plena e digna aos jovens pretos.
“Jovem Negro Vivo!” eles dizem,
enquanto querem que vocês morram.

Sou o guerreiro dessa linhagem.
O meu destino está espelhado
Em cada jovem
que vive aqui nessas terras brasileiras, no meu Borel:
Crias, mandrakes, platinados e empoderadas.

Eu sou o sopro que toca os ouvidos de cada um,
quando inspiro seus desejos.

Jovens,
sejam altivos como o pavão,
exibindo sua nobreza.
Sejam versáteis como o camaleão, espelho da minha pele,
múltiplos, afrontando e existindo.

Sejam livres como os pássaros, posicionando-se contra as restrições a que são impostos.

Sejam ferozes como o leopardo,
lutando imponentes contra os que caçam suas vidas e as descartam.
Sejam ligeiros como os passos da lebre,
dançando, encantando e quebrando tudo.

Eu quero que vocês sejam legítimos filhos,
legítimas filhas,
riqueza no ponto, destreza de santo!
Jamais troquem suas realezas por migalhas!

Pois isso é ser cria:
ser honrado pelos “meus consagrados” mais velhos por onde eu passo.
Sou o orgulho dos que já nos deixaram
e a esperança para o dia de quem ainda vai chegar.
Como ordenou Ifá sobre o nosso destino.

Amarelo ouro, azul-pavão.
Cumpri meu destino quando subi o meu Borel.
E, assim, reino nessa comunidade onde sou a ave mais bela,
pousado no alto de suas casas,
Envolvo-os no aconchego das minhas asas,
velando pelo Morro e pelo vigor da juventude.

Aqui sou o jovem na sua relação com os mais velhos.
Eu nunca envelheço, embora tenha milhares de anos.
Eu nunca envelheço, pois estou na criança de cada um que existe.
Eu nunca envelheço, pois existo no respeito que há entre as diferentes gerações.

Aqui enfim, meu ori, o porquê de eu ser santo menino que velho respeita.
Depois de tudo o que passei, de tantas terras que conheci, entre guerras e caçadas,
Hoje sou a Unidos da Tijuca,
a quem abençoo com minha cauda aberta em leque.
Eu começo e recomeço a cada vez que um samba é tocado e este pavilhão azul e amarelo como os fios de contas dos meus filhos é hasteado.
Ali, eu mesmo sou erguido, pois Pavão é rei também.

Sou a tradição e sou a modernidade.
Sou o ancestral que renasce no pandeiro.
Enquanto eu existir na natureza e na escola de samba,
na fé dos terreiros e na fantasia do carnaval, sob a proteção de meus pais,
na ousadia das pessoas incompreendidas,
nas modas e nos comportamentos que quebram tabus e libertam destinos aprisionados,
ali estarão minha essência e meu mistério.

Pois assim me disse Orunmilá:

“Enquanto cresceres, Logun, entre o céu e a terra,
entre a mata e o rio, entre a África e o Brasil,
entre o Morro do Borel e a Marquês de Sapucaí,
o seu destino se cumprirá:
ser grande e imortal no pavilhão da Unidos da Tijuca,
que te mostra ao mundo inteiro,
no giro da porta-bandeira e no bailado do mestre-sala, espalhando o teu axé.”

Bradem comigo,
em louvor do meu nome,
confirmando em Benin:
Eu sou a Tijuca!
Eu sou Logun-Edé!

*Ore Iye Iye Osun!
Ara unse! Ara unse kòke Odé Erinlé!
Losi, Losi Logun-Edé Eru awo!*

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA

A MISSÃO DE LOGUN-EDÉ DESDE O ORUM: SER O SANTO MENINO QUE VELHO RESPEITA

**COMISSÃO DE FRENTE
TUDO COMEÇA NO ORUM**

1º SETOR:

A CONCEPÇÃO DE LOGUN-EDÉ PELO DESEJO DE OXUM

**1º CASAL DE MESTRE-SALA E
PORTA-BANDEIRA
MATHEUS ANDRÉ E LUCINHA NOBRE
UM ELO ENTRE ORUM E AYÊ: MOVIMENTO
ANCESTRAL**

**ALA 01
A VOZ DE ORUNMILÁ-IFÁ**

**ALA 02
O MISTÉRIO DOS ITANS**

**ALEGORIA 1 — ABRE-ALAS
O DESEJO E IYAMI OXUM E O OFÁ DO CAÇADOR**

2º SETOR:

O RECONHECIMENTO DO PRINCIPADO DE LOGUN-EDÉ PELO POVO IJEXÁ

**ALA 03
ERIN ANCESTRAL**

**ALA 04 – BAIANAS
SACERDOTISAS DE ILEXÁ**

**GRUPO EM INTERAÇÃO COM AS BAIANAS
GUARDIÃS DAS SACERDOTISAS**

MUSA 01 – GEISA ELOY

EMI IFE LILI: O MEU LÍRIO

ALA 05
ERVAS E ILUS

ALA 06
NO PASSO DO IJEXÁ

MUSA 02 – BETE FLORIS
EMI ÌGBÓJÚ: MINHA BRAVURA

ALEGORIA 02
SOU EU, SOU EU

3º SETOR:
A EDUCAÇÃO DO PRÍNCIPE PARA A GUERRA

ALA 07
EXU, O GRIÔ

ALA 08
OGUM, O FERREIRO

ALA 09
OYÁ, A MÃE GUERREIRA

MUSA 03 – LORENA FAFÁ
IGBOGIAN: PÁSSARO DA INICIAÇÃO

ALA 10
OSSAIN, O SENHOR DAS FOLHAS
MEDICINAIS

ALA 11
EWÁ, A PRINCESA DA CAMUFLAGEM

ALA 12
OBALUAÊ, O SENHOR DA MORTE E DA VIDA

MUSA 04 – PATRÍCIA SHELIDA
EMI AGBARA TI KO LELU: FACILMENTE
IMPONHO O MEU PODER

TRIPÉ
OLOGUN-EDÉ

4º SETOR:
O ENCANTAMENTO DE LOGUN-EDÉ NA GUERRA
E O EXÍLIO DE SEU POVO EM ABEOKUTÁ

ALA 13
GUERREIROS DE OYÓ

2º CASAL DE MESTRE-SALA E
PORTA-BANDEIRA
DIEGO JENKINS E THAINÁ TEIXEIRA
DANGBÉ — O ENCANTO DAS SINUOSAS
ÁSPIDES DO DAOMÉ

ALA 14 – PASSISTAS
EXÉRCITO DE DAOMÉ

RAINHA DE BATERIA
LEXA
ÍGBOYA OBIRINI – MINHA IMBATÍVEL
CORAGEM

ALA 15 – BATERIA
EXÉRCITO DE ILEXÁ

ALA 16
EXÉRCITO DE ABEOKUTÁ

MUSA 05 – NATHANNY PERES
OBIRIN EJA: NINFA DAS ÁGUAS DE
ABEOKUTÁ

ALEGORIA 03
REFÚGIO EM ABEOKUTÁ

5º SETOR:
O RENASCIMENTO DE LOGUN-EDÉ NO BRASIL

ALA 17
OS FUNDAMENTOS DO CANDOMBLÉ –
RENASCIMENTO NO NOVO MUNDO

ALA 18

PAI SEVERIANO DE LOGUN-EDÉ

MUSA 06 – LARISSA NETO
EMI OBOKUN: MINHA HERANÇA

ALA 19
PAI ZEZITO DE OXUM

ALA 20
ASSENTAMENTO DE FÉ

MUSA 07 – ANA FILIPA
EMI SIRE: MINHA ALEGRIA

ALEGORIA 04
MEUS AFOXÉS

6º SETOR:
O CUMPRIMENTO DO DESTINO DE LOGUN-EDÉ
NA JUVENTUDE DO BOREL

ALA 21
JOVENS ALTIVOS COMO O PAVÃO

ALA 22
JOVENS CAMALEÔNICOS

ALA 23
JOVENS LIVRES COMO OS PEQUENOS
PÁSSAROS

ALA 24
JOVENS FERUZES COMO O LEOPARDO

MUSA 08 – MARIAH DANTAS
IYALODE OHUN MI: A RAINHA DO MEU
BATIDÃO

ALA 25
JOVENS COM OS PASSOS LIGEIRAS COMO
OS DA LEBRE

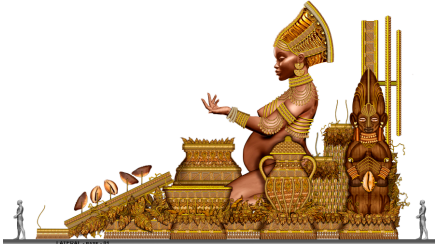
ALEGORIA 05
O MEU BOREL

ALA 26
COMPOSITORES

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)
Edson Pereira

N°	Nome da Alegoria	O que representa
01	<p style="text-align: center;">ALEGORIA 01 – ABRE-ALAS</p> <p style="text-align: center;">a) PRIMEIRO MÓDULO: O DESEJO DE IYAMI OXUM</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: center;"><i>* A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de iluminação podem ter sido realizadas na execução da alegoria.</i></p>	<p style="text-align: center;">O DESEJO DE IYAMI OXUM E O OFÁ DO CAÇADOR</p> <p style="text-align: center;"><i>O que podem as mulheres quando desejam? Eu sou o desejo da mulher por liberdade. Eu sou fruto da sedução de minha mãe por meu pai Erinlé. E sou herança da magia que ela mergulhou em lama e folhas para compartilhar com as outras mulheres sua fertilidade. Vejam como minha mãe pode reunir as forças cósmicas do Orum, vejam como, com vontade, ela manipula o universo a seu favor! E o meu destino desabrocha na tábua sagrada de Ifá. Benin! dizem os cauris sagrados! Benin! Benin! caminho revelado antes mesmo de eu nascer! Para ser o esplendor e a glória que Oxum reflete em seu espelho, olho d'água, orisun. Ore ie ie o!</i></p> <p>REFERÊNCIA:</p> <p>Mãe da humanidade, Oxum, no centro da alegoria, aparece na forma de uma majestosa mulher negra que exhibe seu elegante turbante africano, emblema de sua realeza e cargo de Iyalodé, senhora da comunidade. O Céu abraça a Terra de</p>

Ilexá, num espelhamento que torna tudo um, reunião representada pela sua pintura no chão da alegoria. Assim, Oxum reina grávida, emanando sua fertilidade, sedução, beleza e sabedoria (destaques) para as outras mulheres de Ilexá, as Olorisuns (composições) e as mães férteis, grávidas. Para saber o destino de seu filho, ela lança o merindilogun (jogo de dezesseis búzios) sobre a tábua sagrada e comunica-se com Ifá. Através de sua inteligência mística, que reporta os acontecimentos a Orunmilá, Ifá responde, na caída, com três búzios abertos, sobre a tábua sagrada, prenunciando a chegada de Logun-Edé à terra. Essa caída de búzios foi consultada junto ao terreiro Ilê Axé Kalé Bokun como forma de confirmação do oráculo. Oxum, em meio a alguidares e quartinhas repletos de segredos, comanda o ciclo da vida, manipulando o cosmos, através de seus feitiços de lama e folhas, o qual ela usou para alcançar o seu desejo: conquistar o caçador de beleza bruta Erinlé e ter um filho com ele. A alegoria representa o poder feminino de Oxum de realizar os seus desejos.

Destaques, semi-destaques e composições:

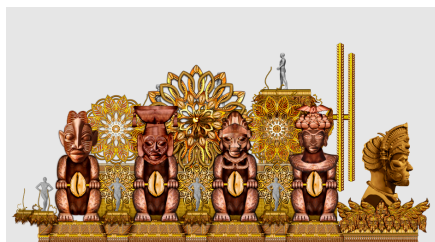
DESTAQUE CENTRAL – Waleska Mamede – Iyami Oxum Ipondá – A majestosa beleza de Oxum Ipondá

DESTAQUE LATERAL – Luciana Lemos – Ìyá Omin Oyin – A dominante sedução de Oxum Ipondá

DESTAQUE LATERAL – Paula Valente – Ìyá Àfin létú – A grande fertilidade de Oxum Ipondá

SEMI-DESTAQUES (MULHERES GRÁVIDAS) – Iya Ìróyin – Mães férteis

b) SEGUNDO MÓDULO: O OFÁ DO CAÇADOR



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de iluminação podem ter sido realizadas na execução da alegoria.*

COMPOSIÇÕES LATERAIS –
Olórisun – Guardiães das fontes e
nascentes de Oxum Ipondá

*Quando Oxum o avistou,
desaguou de tanto desejo
e fez de tudo para conquistá-lo.
Magia que desaguou na ribeira
fez o Caçador se encantar.
Erinlé é o seu nome,
Ancestral dos ancestrais
Rei do Charco na Terra dos Elefantes
Chefe dos maiores
da grande sociedade de caçadores
Aramefá
Oke Aro Aun se Koke Odé!
O mais belo dos belos
que derramou sua bravura desde as
terras encharcadas de Ilobu,
com sua única flecha,
defendeu o seu povo contra a guerra e a
escravidão.
e uniu Ilobu, seu reino, ao de minha mãe
no encontro com Osogbo, em Ilexá.
Dele me orgulho, pois sou filho de um Rei
conhecido por seus maiores feitos,
ancestral de Otokansoso,
que venceu o feitiço que estava no grande
pássaro,
e o transformou num símbolo de
fertilidade,
dispersando as sementes sobre as terras
negras
para perpetuação de sua linhagem.
Ele é tão honrado que é capaz de reunir o
Concílio dos Sábios Orixás,
por ele os caminhos se equilibram,
e vigoram as mandalas, energia de
encantamento.
Este é o meu momento!
Vejam como celebram a minha chegada
ao Ayê.
Vejam como bradam comigo o que foi
confirmado em Benin!
Sou eu, sou eu
Príncipe nascido desse grande amor!*

REFERÊNCIA:

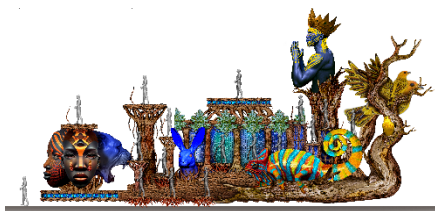
Este módulo complementa a primeira parte, retratada no anterior. Vigoram as mandalas da vida, distribuindo o axé, a energia vital, pelo mundo. No espetáculo das forças que integram o cosmos, há uma conexão entre Orum e Ayê, o espiritual e o terreno. O Céu abraça a Terra de Ilexá, num espelhamento que torna tudo um, reunião representada pela sua pintura no chão da alegoria. À frente do módulo, há um pássaro que espalha as sementes sobre essas terras férteis, germinando o segredo da perpetuação da vida, das linhagens que não se rompem, retornando sempre ao mundo visível através dos descendentes, representados pelos Omorodé, clã dos caçadores (composições). Nas laterais da alegoria, há os mirins, esculturas inspiradas na marcante arte iorubá de entalhe em madeira, que formam um Concílio de Ancestrais, testemunha do nascimento do Filho Querido (destaque). Da traseira, projeta-se Erinlé, o grande caçador de Elefantes das Terras de Ilobu, que aponta seu ofá, de uma flecha só, em defesa de seu povo. O módulo representa a importância de Erinlé para a perpetuação da linhagem e a chegada de Logun-Edé ao Ayê.

Destques, semi-destaques e composições:

DESTAQUE CENTRAL ALTO – Janderson Tavares – Erinlé, o Grande Caçador de Elefantes das Terras de Ilobu

DESTAQUE FRONTAL – Nabil Habib – Eiyelé, a Semeadura da Prosperidade

DESTAQUE MÉDIO – Anderson Soares – Omọ kekerê, O filho Querido – A minha ascendência sagrada

ALEGORIA 2:

** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de iluminação podem ter sido realizadas na execução da alegoria.*

COMPOSIÇÕES MASCULINAS –

Omo odé, o clã de Caçadores

COMPOSIÇÕES FEMININAS – Igbo

obirin – Mulheres das matas

SOU EU, SOU EU

*Quem eu sou?
Sou o grande príncipe herdeiro da raça
dos meus pais.
Cresci entre dois reinos
e herdei muito mais,
todas as forças da natureza,
entre a água e a mata,
todos os pássaros e os outros animais:
múltiplo e lebre, de reunir sou capaz
todos os mundos,
iridescente, me camuflou
entre os muitos universos da terra,
mina vegetal que integra os caminhos
por onde passam as formas da caça pela
vida,
neblina espessa que encobre ainda
o úmido e o seco,
o sólido e o líquido,
na força que tudo ligo por minha sina.
Eu sou o tal, o maior entre os maiores.
Percebam como eu sou belo e como ando
gingando,
meu corpo negro é de africano
nascido na planície nagô.
Assim, me projeto em tudo que é vivo,
fera, pai e mãe de mim mesmo e de vocês,
é a minha natureza a dualidade e o
fulgor.
Vejam como reverenciam minha nobreza
todas as forças do Tempo.
Benin confirmou:
reconheço em mim
o tudo que eu sou
pela voz de Orunmilá.*

REFERÊNCIA:

Nei Lopes diz que, na concepção iorubá, todas as forças da natureza estão inter-relacionadas, comunicando-se de acordo com leis determinadas por Orunmilá. Um ser humano pode diminuir ou aumentar outro na sua força vital. A resistência a esse tipo de ação é obtida por meio do reforço da própria potência, recorrendo-se a outra influência vital. E a força vital humana pode influenciar diretamente ou ser influenciada por animais, vegetais e minerais. Neste carro, a natureza *metá-metá*, isto é, tríplice de Logun-Edé, dá-se na dualidade estampada nos rostos de seus pais na parte frontal, entre os quais reluz uma terceira face, a dele própria, de cuja nuca projeta-se a cabeça de um leopardo, em alusão ao seu lado feroz. É importante também lembrar que a parte posterior da cabeça, a nuca, para os povos iorubá, é o local de conexão do ser humano com as suas forças vitais. Isso também se revela nos troncos, galhos e raízes que permeiam o cenário; nos animais votivos de Logun-Edé: pássaros, lebres e camaleões; nas máscaras de folhas que representam os espíritos das matas de seu pai; nas águas que cintilam que representa o espírito aquático de sua mãe. Uma neblina encobre e entremeia o encontro dos reinos na natureza do úmido e do seco, do líquido e do sólido, por atuação do orixá. No centro da alegoria, os maiores de cada reino iorubá, através de movimentos coreográficos, reverenciam a sua primogenitura e a sua natureza e, ascendendo, o Príncipe Logun-Edé lampeja a sua essência, que se traduz em beleza, imponência e destemor. Eis o belo príncipe desejado, herdeiro de Oxum e Erinlé. A alegoria representa o próprio Logun-Edé em sua relação com a natureza.

Destques, semidestques e composições:

TRIPÉ:



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de iluminação podem ter sido realizadas na execução da alegoria.*

DESTAQUE — Adriana Bernardes — Emi Ni Logun — O Meu Eu: A poderosa face do Príncipe

DESTAQUE — Paula Pires – Jogun Ewa — A beleza que herdei de Iyami Oxum

DESTAQUE — Rodrigo Totti — Jogun Ìgboyà — A bravura que herdei de Erinlé

COMPOSIÇÕES — Jagun Ekun — A féérica do leopardo

COMPOSIÇÕES MASCULINAS — Emi oju tiri tiri sode — Eu tenho um olhar muito sagaz para caçar

COMPOSIÇÕES FEMININAS — Emi Jagun Ekun — Sou feroz leopardo

PERSONAGEM PRINCIPAL — Thiago Thomé — Okunrin Sembuluju — Logun-Edé, homem muito belo

GRUPO PERFORMÁTICO — Gbgbo Egbón ò Ilesá ki ni mi — Todos os mais velhos vêm a Ilexá me saudar

OLOGUN-EDÉ

*Tudo que aprendi com meu mais velhos
tudo que ouvi dos camaradas
guardei na memória do corpo, da cabeça,
para continuar essa jornada,
essa caçada por achar um meio
de sempre sobreviver,
conduzir à apoteose esse povo todo que
protejo como escudo,
que hoje desfila aqui,
na Unidos da Tijuca.
Sou eu,
o Guerreiro mais valente,
fúria dos povos à beira dos rios de Ilexá,
aprendi como apartar os inimigos,
expulsar os invasores,*

*pôr bacana pra correr.
Porque eu sou desses pavões africanos
imponentes
que defendem o pedaço de terra herdado,
que regenera o que foi perdido por feitiço
ou por maldade.
Vejam como venço
todos os impossíveis,
e me transformo no que for mais belo que
a própria beleza.
Não cheguem muito perto,
não ousem tirar as minhas penas,
por mil olhos vejo tudo,
É o meu leque que te atrai,
mas é o bico que perfura
rápido como o tiro do caçador.
Ologun-Edé é meu verdadeiro nome
Rufem os tambores azuis-waji!
Bradem comigo
quando a guerra for contra a fome!
Defender a fartura do nosso povo é
destino também,
como determinou Orunmilá-Ifá.*

REFERÊNCIA:

Representa Logun-Edé como Ologun-Edé, o grande feiticeiro e o bravo senhor das guerras de Edé, cidade capital de Ilexá, na Nigéria, após o príncipe ser treinado e educado por toda uma aldeia banhada pelos rios Oxum e Erinlé. Ologun empunha suas armas, veste armadura e usa feitiços para defender e perpetuar a soberania de seu povo e conduzi-lo à glória. Uma de suas armas, nas incursões contra os inimigos, é se transmutar no misterioso pavão africano, que guarda, em sua natureza, o senso de defesa do território e a capacidade de se regenerar, o que é caro a todos os guerreiros. Além disso, a beleza de seu leque de plumas é usada como estratégia para atrair os inimigos e perfurá-los com seu bico. Ologun-Edé, a quem a Unidos da Tijuca evoca com seus tambores azul-waji, presentes nos festivais dos caçadores e bravos guerreiros, é,

03

ALEGORIA 3:



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de iluminação podem ter sido realizadas na execução da alegoria.*

portanto, um guerreiro incansável pela sobrevivência dos seus, preciso contra o oponente, destemido pela honra e glória da Terra dos Orixás.

Destques, semi-destaques e composições:

DESTAQUE CENTRAL — Corinto
— **Ologun-Edé** — O Senhor das Guerras de Edé

REFÚGIO EM ABEOKUTÁ

*Abeokutá,
refúgio entre rochas,
fundo das águas do colo de minha avó.
Abeokutá,
joia do rio Ogun,
castelo submerso sob a luz da lua
islâmica,
casa de Iemanjá,
onde a venerável senhora das águas
correntes,
mãe, que, na presença dos peixes,
nos deu por decoro o acolhimento
e, na foz, como presente,
uma tropa de cavalos-marinhos.
Abeokutá,
fortaleza para o meu povo,
de onde não vimos o horror da
escravidão,
de onde galgamos os mares
de forma sobrenatural.
Travessia encantada que enfrentou o mal
até a outra margem do espanto atlântico.*

REFERÊNCIA:

Abeokutá, em Iorubá, refúgio entre pedras, antigo porto colonial na região do atual estado de Ogun, na Nigéria, representou um refúgio para o povo Ijexá, atingido durante uma das guerras entre o Império de Oyó e o Reino de Daomé. À frente da alegoria, grandes seres

aquáticos guerreiros protegem a cidade, centro de culto a Iemanjá, que, em África, é a Senhora do rio Ogun que corre para o mar. Conhecida por sua qualidade maternal, com a qual acolheu inúmeros refugiados dessa guerra, a grande orixá é representada pelo destaque central da alegoria. No centro do carro, figura o castelo de Abeokutá, representado pelo submerso palácio de Iemanjá, em estilo neo-islâmico, simbolizando o intercâmbio cultural entre os iorubás e os mouros do Norte da África à época. Nas laterais da alegoria, há uma tropa de cavalos-marinhos, dada pela grande *iyagbá* (mãe ancestral) – na foz do rio e na presença dos demais seres aquáticos – como estratégia de sobrevivência, para que eles, em fuga da guerra e da escravidão, atravessassem o Atlântico até as praias do Novo Mundo. A alegoria é uma representação artística que subverte essa tragédia a qual foram submetidos inúmeros povos africanos pré-coloniais, como os ijexá. A alegoria representa a própria cidade de Abeokutá, ponto de chegada e partida dos ijexá após o encantamento de Logun-Edé na guerra contra o Daomé.

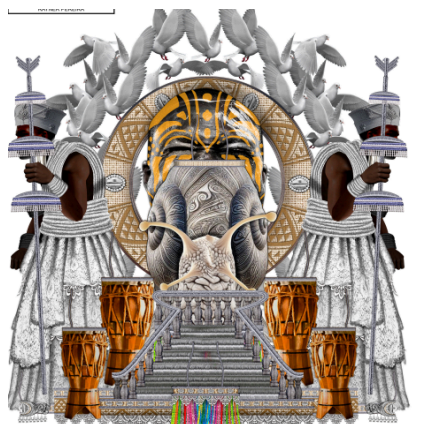
Destques, semi-destaques e composições:

DESTAQUE PRINCIPAL — Iyemoja Odoiya Ogun — Iemanjá, Senhora do Rio Ogun

DESTAQUE LATERAL — Isura Abeokuta — Os tesouros das águas de Abeokutá

DESTAQUE LATERAL — Alagabató Abeokuta — O acolhimento materno de Abeokutá

DESTAQUES MASCULINOS E FEMININOS — Jagun Abeokutá — Defensores de Abeokutá

ALEGORIA 4:

** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de iluminação podem ter sido realizadas na execução da alegoria.*

**COMPOSIÇÕES LATERAIS —
Irekoja Ogun — Minha gente encantada
em travessia**

MEUS AFOXÉS

*Por ser herdeiro da bravura e da beleza
por ser encantado também,
por ter renascido na cabeça
de princesas e príncipes,
em outras terras, além
da África de onde partimos,
deslizando sobre o manto azul salgado
que nos guiou
até o Brasil, eis meus afoxés liderado por
meu avô,
meu mais velho Oxalá,
que reúne no meu culto
meus filhos e filhas
de várias nações que se encontram
sob seu pano branco,
e os tambores rufam sempre em trios
para me saudar:
orixá menino que velho respeita,
o mais novo entre os meus velhos, o mais
guerreiro entre os valentes,
o mais festejado pelas iyawos de Oxum,
o que dá filho às mulheres,
e emprego aos homens,
o que celebra a liberdade, tornando
públicos os ritos de hoje e de ontem
e em praças negras me celebram,
com afoxés que embalam os mitos,
e, como um igbin seu corpo lento rasteja,
seu lastro pela terra meu povo semeia,
levam meus segredos
aonde quer que estejam.
E assim como determinou Orunmilá-Ifá,
e porque meu destino é ser imortal,
meus filhos e filhas cantam as cantigas
do meu culto sem medo
em coretos, cortejos,
em procissão dançada,
avançam em um ritmo
que embala minha história
com mãos de ofá, abebés e balanças,*

*mostram sua fé, prosperidade e
abundância!*

REFERÊNCIA:

Após confirmado e assentado seu culto no Brasil, Logun-Edé e seu axé se espraíram pelo país: primeiro, através de Babá Severiano de Logun-Edé, que ergueu em Salvador o Ilê Axé Kalé Bokun (1933), do qual Babá Zezito de Oxum traz para o Rio de Janeiro os fundamentos religiosos para fundar a Corte Real da Nação Ijexá, em Belford Roxo. Ambos os candomblés estão representados à frente da alegoria, em que figuram Babá Zezito de Oxum, de 93 anos, assim como a Unidos da Tijuca, e a Iyalorixá do Kalé Bokun, Mãe Vânia de Oyá, de 61 anos. O carro representa a celebração da força e ousadia de Logun-Edé, pelas praças negras do país, por meio de seus afoxés, candomblés de rua tocados por ilus (tambores nas laterais da alegoria, decorados com gravatás e fitas coloridas) embalados pelo ritmo ijexá. Esse ritmo é dos preferidos de Oxalá, por representar seu poder sobre a criação do mundo, das coisas, de tudo que existe. Assim predomina o seu axé funfun (branco, em iorubá), encimado por uma revoada de pombas brancas, cuja pureza encobre toda a trajetória de Logun-Edé, selando o seu destino de orixá. É dessa forma que essa grande festa em reverência ao santo menino que velho respeita é liderada pelo orixá mais velho do panteão iorubá, que está representado por seu animal votivo, o igbin, caramujo africano albino que é símbolo de fecundidade, pelas esculturas que ladeiam a alegoria, munidas de Opaxorô, bastão sagrado da criação. Há duas faces opostas no fundo da alegoria, a de Oxalá, o mais velho, olha para o último setor, onde a juventude do Borel desfila, e a de Logun-Edé, o mais novo, olha para os seus ancestrais e para a sua própria

história, contada nos setores anteriores. Isso representa a conexão entre as diferentes gerações, baseada no respeito, contida em seu mistério. Assim, por essa via de contato entre mais velhos e mais novos, Logun-Edé cumpre o destino que lhe foi dado: emanar de maneira fecunda seu mistério e compartilhar com seus filhos e filhas, para além dos terreiros, o orgulho de mostrar ao mundo um axé que nunca morre, eterna jovialidade que se renova em cada ser vivente.

Outras informações julgadas necessárias:

A dinâmica entre “velho” e “novo” se reflete na própria criação da Unidos da Tijuca, já que os fundadores, ancestrais da família Vasconcelos, vindos da Bahia para o Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX, criaram a escola a partir dos seus candomblés no Morro da Casa Branca, bairro da Tijuca. Até a fundação da agremiação, era comum os negros se reunirem apenas em blocos, cordões e afoxés, que cresciam à margem das sociedades carnavalescas da elite carioca. Esse velho jeito de brincar o carnaval, no réveillon de 1932, todavia, despedia-se, e uma nova maneira de cortejar o axé nascia. Era o surgimento da escola de samba Os Unidos da Tijuca, sendo esta mais uma marca da relação da escola com o “velho” e com o “novo”.

Referência cultural para a escultura da alegoria



Janus, deus da mitologia greco-romana que representa a mudança de ano, cujas faces opostas são a fusão e contiguidade entre o velho e o novo.

Destaques, semi-destaques e composições:

DESTAQUES — Roberto Silva e Yogi Leão — Ayan, o Orixá-Tambor

DESTAQUE — Carla Close — Resistência e fé dos meus descendentes

DESTAQUE CENTRAL ALTO — Alex Araújo — Igbín awon ibese — A majestosa fecundidade do Igbín

DESTAQUES MASCULINOS — Alexandre Borges e NOME A CONFIRMAR — Afoxés de Babás — A Corte de Oxalá no Rio de Janeiro

DESTAQUES FEMININOS — Meime dos Brilhos e Sandrinha Cyonelli — Afoxés de Babás — A Corte de Oxalá no Rio de Janeiro

GRUPO NA ESCADARIA FRONTAL — Velha Guarda da Unidos da Tijuca — Nobreza dos Afoxés

CONVIDADOS (NO ALTO DA ESCADARIA) — Zezito de Oxum

ALEGORIA 5:

** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de iluminação podem ter sido realizadas na execução da alegoria.*

(Babalorixá da Corte Real Nação Ijexá) e Vânia de Oyá (Iyalorixá do Ilê Axé Kalé Bokum) e acompanhantes.

**COMPOSIÇÕES LATERAIS
MASCULINAS E FEMININAS — A
semeadura do meu axé pelo Brasil**

**COMPOSIÇÕES — Esu Lalu — Exu
de Oxalá — Guardião dos meus afoxés**

O MEU BOREL

*A minha sina é recomeçar
recomeço no fim desse beco
que se conecta a outro beco
que me leva a outra parte do morro,
recomeço quando subo o morro
em direção à mata
recomeço na mata, onde começa o rio
recomeço no Rio,
numa comunidade incrustada
Jonde eu e meus pais moramos.
Eu sou a nascente que nunca acaba.
Existo no respeito entre as gerações.
Eu sou o nascente, nasço em cada
cria envolvente,
no molejo das meninas,
na leveza dos passos
de quem corre de má sina,
empresto meu charme
e meu brilho a cada cria
que me nasce quando se afina
com um destino mais bonito
que o que deseja para eles
os racistas de cada esquina.
Eu sou do palco a beleza
estou nos jovens talentos
que brotam nas favelas,
sou mesmo esses pretos que afrontam a
tirania do jeito único de ser,
sou mesmo esses pretos que fundaram
uma escola de samba
desde a vida que vigora dos meu animais,
sou mesmo esse pavão
que pousa há tanto tempo em suas casas,
sou mesmo os pretinhos
que voam qual pipas*

*do alto do morro, sua asas
são os meus desejos que inspiro
em seus ouvidos.
Vejam como expressam
o meu axé nos seus jeitos.
Vejam como cumprem
meu destino levando-o no peito
o orgulho de serem jovens,
de serem Tijuca, de serem Borel.
Vejam como me erguem
em seu pavilhão,
apontando meu estilo,
desfraldado em riste até o céu.
Amarelo-ouro, azul-pavão,
cumpro meu destino
confirmado em Benin!
Avante, juventude do Borel!
Clamem por mim,
pelas causas impossíveis:
Locí, locí! Eru awo!
Bradem comigo,
conquistando a vitória:
Eu sou a Tijuca, Eu sou Logun-Edé!*

REFERÊNCIA:

A alegoria representa o axé do Príncipe dos Orixás na juventude afrodiaspórica da atualidade e sua consagração na Unidos da Tijuca. Logun-Edé cumpre o destino que Orunmilá lhe determinou, ao abraçar os jovens pretos e favelados, 'crias' do Morro do Borel. Altivos e arteiros, ferozes e imponentes, afrontosos e ousados, os príncipes e as princesas da Unidos da Tijuca lutam, dançam e quebram tudo para defender seu jeito de viver, de enxergar o mundo e de se relacionar com os outros. Orgulham-se de sua pretitude, símbolo do combate à humilhação, ao constrangimento e ao esculacho, presentes em cada esquina, em cada canto da sociedade urbana carioca. Por isso, há em todo o carro a referência às casas do Borel, formadas por caixas de som grafitadas sobre as quais pousam pavões altivos, que metaforizam a fusão do axé do orixá com a juventude que ele

rege e a escola do Borel. No centro da alegoria, há a grande figura de um adolescente negro DJ, munido de picape e caixas de som, para embalar o passinho d'Os Crias, representados pelos dançarinos coreografados. Nas janelas abertas dos barracos, jovens pretos também abrem seus sorrisos e contemplam a liberdade no horizonte. O grafite, que decora toda a alegoria, promove um choque visual de cores e formas, junto às pipas que integram toda a cenografia. A juventude utiliza todos esses elementos para ser notada, vista e ouvida. Nas laterais da alegoria, figuram imagens da juventude preta carioca em telões de LED, como a amostragem dos talentos que expressam formas de o axé de Logun-Edé, nunca se acabar, seja na juventude do Borel, seja na Unidos da Tijuca.

Destaques, semi-destaques e composições:

DESTAQUE — Carlos Açuna — Emi Tijuca, Emi Borel - Eu sou a Tijuca, sempre estive no Borel

DESTAQUE — Camila Prins — Ere meji be rese — Sou duas vezes sagrado: amarelo-ouro e azul pavão.

GRUPO PERFORMÁTICO — Os Crias do Borel

COMPOSIÇÕES MASCULINAS E FEMININAS — Meus meninos e minhas meninas na cadência pura do meu batidão

FICHA TÉCNICA

Alegorias


Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p>ABRE-ALAS</p>	
<p>Waleska Mamede – Fantasia: Iyami Oxum Ipondá – A majestosa beleza de Oxum Ipondá</p>	Empresária
<p>Luciana Lemos – Fantasia: Ìyá Omin Oyin – A dominante sedução de Oxum Ipondá</p>	xxx
<p>Paula Valente – Fantasia: Ìyá Àfin létú – A grande fertilidade de Oxum Ipondá</p>	Empresária
<p>Janderson Tavares – Fantasia: Erinlé, o Grande Caçador de Elefantes das Terras de Ilobu</p>	Figurinista
<p>Nabil Habib – Fantasia: Eiyelé, o Pássaro da Prosperidade</p>	xxx
<p>Anderson Soares – Fantasia: Omọ kekerê, O Filho Querido – A minha ascendência sagrada</p>	Nutricionista
<p>ALEGORIA 2</p>	
<p>Adriana Bernardes — Fantasia: Emi Ni Logun — O Meu Eu: A poderosa face do Príncipe</p>	Executiva Comercial
<p>Paula Pires – Fantasia: Jogun Ewa — A beleza que herdei de Iyami Oxum</p>	xxx
<p>Rodrigo Totti — Fantasia: Jogún Ìgboyà — A bravura que herdei de Erinlé</p>	xxx
<p>Thiago Thomé — Fantasia: Okunrin Sembuluju — Logun-Edé, homem muito belo</p>	Ator
<p>TRIPÉ</p>	
<p>Corintho — Fantasia: Ologun-Edé — O Senhor das Guerras de Edé</p>	Cerimonialista
<p>ALEGORIA 3</p>	
<p>DESTAQUE PRINCIPAL — Iyemoja Odoiya Ogun — Iemanjá, Senhora do Rio Ogun</p>	
<p>DESTAQUE LATERAL — Isura Abeokuta — Os tesouros das águas de Abeokutá</p>	
<p>DESTAQUE LATERAL — Alagabató Abeokuta — O acolhimento materno de Abeokutá</p>	

<p>DESTAQUES MASCULINOS E FEMININOS — Jagun Abeokutá — Defensores de Abeokutá</p>	
<p>COMPOSIÇÕES LATERAIS — Irekoja Ogun — Minha gente encantada em travessia</p>	
<p>ALEGORIA 4</p>	
<p>Pai Zezito de Oxum</p>	<p>Babalorixá da Corte Real Nação Ijexá</p>
<p>Mãe Vânia de Oyá</p>	<p>Iyalorixá do Ilê Axé Kalé Bokum</p>
<p>Roberto Silva — Fantasia: Ayan, o Espírito do Tambor</p>	<p>xxx</p>
<p>Yoohji Leão — Fantasia: Ayan, o Espírito do Tambor</p>	
<p>Carla Close — Fantasia: Resistência e fé dos meus descendentes</p>	<p>Modelo e Figurinista</p>
<p>Alex Araújo — Fantasia: Igbin awon ibese — Paciente como igbin, conduzo suavemente meu axé</p>	<p>Empresária</p>
<p>Alexandre Borges — Fantasia: Afoxés de Babás — A Corte de Oxalá no Rio de Janeiro</p>	<p>xxx</p>
<p>NOME A CONFIRMAR — Fantasia: Afoxés de Babás — A Corte de Oxalá no Rio de Janeiro</p>	<p>xxx</p>
<p>Meime dos Brilhos — Fantasia: Afoxés de Babás — A Corte de Oxalá no Rio de Janeiro</p>	<p>xxx</p>
<p>Sandrinha Cyonelli — Fantasia: Afoxés de Babás — A Corte de Oxalá no Rio de Janeiro</p>	<p>Maquiadora</p>
<p>ALEGORIA 5</p>	
<p>Carlos Açuna — Fantasia: Emi Tijuca, Emi Borel - Eu sou a Tijuca, sempre estive no Borel</p>	<p>xxx</p>
<p>Camila Prins — Fantasia: Ere meji be rese — Sou duas vezes sagrado: amarelo-ouro e azul pavão</p>	<p>xxx</p>

Local do Barracão	
Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 12 – Cidade do Samba – Gamboa – Zona Portuária	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Fernando Leal	
Ferreiro Chefe de Equipe	Carpinteiro Chefe de Equipe
Alan Duque	Futica
Escultor(a) Chefe de Equipe	Pintor Chefe de Equipe
Alex Salvador	Magrão (Tuninho Fita)
Eletricista Chefe de Equipe	Mecânico Chefe de Equipe
Gilmar	Antônio
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Edson Pereira	Carnavalesco
XXX	Projetista
Leandro Santos	Decorador
Nino	Fibra
Tom (Know How)	Iluminação
	Financeiro
	Supervisor de Barracão
	Esculturas em Ferro e Movimento
	Assistente de Carnaval
	Ateliê de costura
	Projetista e Produção de Carnaval
	Empastelação e Fibra
	Placas de Acetato
	Compras
	Almoxarifado
	Aderecista
	Marketing e Comercial

Assessoria de Imprensa e Redes Sociais
 E-commerce
 Portaria
 Recepção do 3º andar
 Assistente de Copa
 Chefe de cozinha/refeitório



Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	A VOZ DE ORUNMILÁ-IFÁ 	<i>Nos búzios, foi Ifá quem revelou anúncio de Orunmilá sobre mim no olho d'água. Voz altaneira de um olhar que tudo sabe. Sabe os destinos e os caminhos de todas as coisas entre o Orun e o Ayê. A ele estão</i>	Comunidade	Diretoria de Carnaval e Harmonia

	<p><i>* A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.</i></p>	<p><i>subordinadas vidas de deuses, pessoas e animais. sabe das plantas e dos muitos minerais que formam a trama do mundo. Sua palavra não cai, o que ele diz, se ele diz, vai acontecer. Como de mim o que disse tudo o que eu deveria ser.</i></p> <p>Conhecedor de todas as coisas, o orixá Orunmilá nos permite entender como se dá a conexão entre Orun e o Ayê, ao acessar a inteligência cósmica de Ifá, revelação divina que conhece os caminhos do universo, em todas as dimensões, para nos auxiliar em nossos dilemas existenciais. A fantasia representa essa comunicação pelos grandes cauris (búzios) presentes no chapéu e no adereço de mão. A caída dos búzios no tabuleiro de jogo transmite mensagens que são contadas em itans.</p>		
02	O MISTÉRIO DOS ITANS	<p><i>As histórias talhadas em decoro do meu mistério, são os totens que sustentam minha memória e do povo, contadas por mais velhos: são itans que guardam segredos poderosos</i></p>	Comunidade	Diretoria de Carnaval e Harmonia



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

essenciais para que tenhamos dias mais ditosos nas doces terras negras de Ilexá.

São narrativas que descrevem os ritos, falam a Oxum, como contam os mitos, quem eu seria, quem eu fui, quem eu sou.

Ao pé da letra, itan, em iorubá, é história, o relato mitológico dos tempos imemoriais da humanidade, a lenda sagrada que narra a vida e os feitos dos orixás, bem como seus arquétipos. Em sentido mais amplo, codifica e decodifica as tradições e os saberes ancestrais repassados entre as gerações por meio da oralidade. Cada itan conta como divindades, seres da natureza e humanos interagem para solucionarem problemas e alcançarem um destino. Na tradição iorubá, esses itans são trazidos à memória do povo Ilexá por meio de totens. A fantasia representa o totem ijexá que evoca a história de Logun-Edé.

03

ERIN ANCESTRAL

Como grandiosos elefantes, os ancestrais vieram me saudar; trouxeram marfins, longos eram, como altivo eu deveria

Comunidade

Diretoria de Carnaval e Harmonia



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

*ser
pela glória de Ilexá!*

Erin, em iorubá, significa elefante. Esse animal representa o ato de dominar, não o outro, mas a própria existência, seu próprio ambiente e espaço, para alcançar poder físico, majestade e longevidade. Um elefante sempre se mantém de pé, comportando-se com nobreza. A fantasia representa o erin (elefante) ancestral, animal de grande porte, que oferece seus marfins em reconhecimento da importância da sua primogenitura. Assim, em Ilexá, esse gesto reconhece a força de Erinlé, o grande caçador de elefantes das terras de Ilobu, presente no menino.

04

SACERDOTISAS DE ILEXÁ



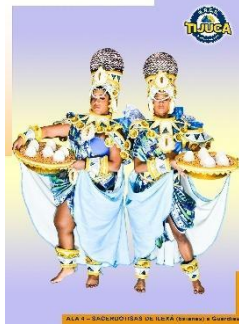
GRUPO EM INTERAÇÃO COM AS BAIANAS – GUARDIÃS DAS SACERDOTISAS

*Poderosas senhoras da terra,
vestidas de gala, vieram me ver.
Pois sabem exatamente
quais as iguarias preferidas,
do que devem ser os bolos, os ebós, as comidas
de que um príncipe deve se servir para bem viver*

*E, assim, Ilexá preparou Omolokun
de Axoxô se alimentou Ilexá.*

Baianas

Direção de Carnaval e Harmonia

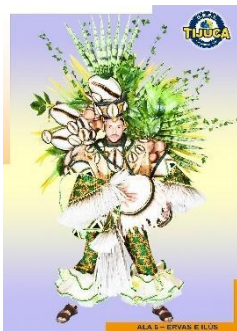


** As imagens acima são dos croquis originais e servem apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução das fantasias.*

A função nutridora, na cultura iorubá, é feita somente pelas mulheres mais velhas de uma comunidade. São elas que preparam os alimentos que levam elementos com destinação específica para a natureza de cada ser. Comer é também um ritual votivo e o estômago, um grande orixá, recebe sacrifícios todos os dias. A comida é portadora de axé, alimenta o corpo e o espírito, ao ser compartilhada com as divindades. Certos preparos especiais levam elementos que têm destinação específica para a natureza de cada ser. Da mesma forma que algumas pessoas são proibidas de comer determinados alimentos não afeitos ao seu equilíbrio energético (axé), outras têm de se alimentar de determinados elementos que fortalecem esse mesmo equilíbrio. A fantasia representa as *iyagbasés*, mães da alimentação, sacerdotisas de Ilexá, que, em reverência ao seu principado, ofertam a Logun-Edé os pratos preferidos de seus pais, o omolokum de Oxum e axoxô de Erinlé, além de seus lelês adoçados.

05

ERVAS E ILÚS



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

Seguem o cortejo ladeada por jovens sacerdotisas do Reino, que as auxiliam neste nobre ofício de entrega da comida ao Príncipe. Vestidas a caráter, engalanadas para agradar a família real, as matriarcas do samba, representam o legado de levar as oferendas ao Príncipe dos Orixás.

*Ilexá no tambor?
Um batikum!
Rufam os ilus do meu reino...
Os tambores evocam o meu mito,
troncos da floresta,
compassados em agito,
chamam os ancestrais para guardarem-me da morte.
Como levo em mim,
a dinastia de meus pais,
para proteger o meu corpo,
meu povo me ofertou as ervas que sustentam a realeza
trazendo paz e vida longa,
com certeza.*

Na cultura iorubá, as ervas (òògùn) servem para proteger o corpo físico contra os infortúnios de forças maléficas invisíveis (ajé). Ao mesmo tempo, ilus, tambores mágicos, servem para espantar a morte às vistas do ser humano. A fantasia representa o povo de

Comunidade

Diretoria de Carnaval e Harmonia

06

**NO PASSO DO
IJEXÁ
(COREOGRAFADA
)**



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

Ilexá ofertando a Logun-Edé, como reconhecimento de sua realeza, votos de saúde, através das ervas, e de longevidade, através dos ilus, que ligam o Ayê ao Orum pelo seu som capaz de evocar as forças ancestrais presentes em Logun-Edé.

*Aê Abaissá! Logun ê! Ê!
Ê!
dança, meu povo, ao
toque preferido de
Oxum!*

*Aê Abaissá! Logun ê! Ê!
Ah!
Quando se dança, se
sabe ao longe quem é de
Ilexá.*

*Aê Abaissá! Logun ê! Ê!
Ê!
Não há quem
confunda os Ijexá com
povo algum.*

*Com seus passos
encantados
me trazem em
reverência nas suas
cabeças seus cuidados
onde guardam os meus
segredos
em cabaças, pela minha
primogenitura.*

Os ijexás são conhecidos por seu ritmo envolvente dançado ao som dos ilus presentes na ala anterior e são famosos por seus artefatos mágicos, como

Comunid
ade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

07

EXU, O GRIÔ



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

o adó, pequena cabaça em forma de garrafa para guardar pós ou remédios, em defesa dos segredos espirituais. A fantasia representa o cortejo em dança do povo Ijexá, que leva adós de presente ao Príncipe, completando a marcha em reconhecimento de sua realeza. Seus passos refletem o domínio ijexá sobre as águas, um andar em alusão também ao poder de encantamento e fertilidade, calma e inteligência estratégicas de Oxum, características que compartilha com seu filho Logun-Edé.

Quem me ensinou sobre os meus ancestrais e sobre os ancestrais dos meus ancestrais, quem declamou sobre mim e minha herança e sobre quem veio antes de mim e esteve atrás de mim nos tempos de guerra e de bonança, foi o arauto do tempo, o mais atento e sagaz:

Exu, que me ensinou a defender a glória do país, a identidade e a raiz dos pais dos meus pais.

Exu que me ensinou a usar as minhas faces, para ouvir sobre seus ombros os conselhos para andar

Comunidade

Diretoria de Carnaval e Harmonia

*no mundo
pelos caminhos, audaz.*

Em alguns reinos antigos africanos, era comum que cada príncipe e princesa tivesse um griô que os acompanhava em suas caminhadas e cuidava de seus protocolos. Quando designados para uma pessoa específica, esse era chamado de griô particular. Nas reuniões públicas, o griô apresentava seu protegido e declamava sua genealogia. Por ter o dom da palavra e da comunicação, era porta-voz nas assembleias e conciliador de conflitos na comunidade. Compunha louvores ao protetor e servia de arauto, anunciando novidades de interesse geral da população. Conta um itan que, quando Olodumare enviou os orixás ao Ayê, designou um Odu de Ifá (signo do destino) e um Exu para acompanhar cada um deles e ajudá-los em sua trajetória. Oriundo de Ketu, Exu, orixá da comunicação, é considerado tradicionalmente como irmão de Erinlé, portanto “tio” de Logun-Edé. Mensageiro e griô particular do Príncipe, ele o ensina

08

OGUM, O FERREIRO



sobre sua genealogia e lhe mostra a tradição dos mais velhos, ao mesmo tempo o instrui a transgredir as formas antigas que não servem mais, possibilitando sempre a abertura de novos caminhos a Logun-Edé e seu povo. A fantasia representa Exu, o griô, que, portando o akukó, o galo, um de seus símbolos, ensinou a Logun-Edé a importância de se defender a genealogia numa guerra, pois não se pode se tornar um guerreiro aquele que não conhece a própria história. A descendência está retratada na multiplicidade das máscaras, que portam a transformação presente no caráter tríplice de seu protegido. Assim, Exu ensinou Logun-Edé a garantir a soberania do povo de Ilexá.

*Foi Ogum quem forjou
o guerreiro que sou.*

*Na minha aldeia,
pai e mãe é quem cria
E como é bom ser um
cria*

com altivez e vigor.

*Com ele eu tenho
garantias de vitórias
por saber fazer guerras,
por defender a memória
dos mais velhos da
aldeia.*

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

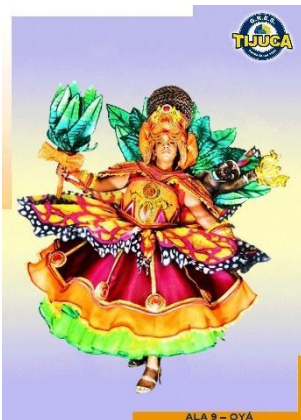
** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

*Foi com Ogum a quem
levo
também no som do meu
nome,
que aprendi a forjar as
minhas armas,
com o seu leque de
espadas,
aprendi a defender
minha casa
da escravidão e da
fome.*

Em África, o caçador foi, e ainda é, um homem importante, um herói admirado, a quem cabe trazer carne para a aldeia e proteger as plantações dos ataques dos animais selvagens. Oriundo de Irê, Ogum é considerado o primeiro dos caçadores da humanidade, aquele que ensinou aos demais caçadores e tornou seu irmão Erinlé (em algumas versões, Oxóssi) o chefe dos odés (caçadores). Exímio na forja dos metais, Ogum é ferreiro e armeiro. Comunica-se com os espíritos da terra e da floresta, dos quais obtém permissão para "feri-las" com a exploração de elementos e com a caça. A fantasia representa Ogum, orixá, que, a partir do conceito de família estendida africana, é responsável pela educação de Logun-Edé como um grande guerreiro e civilizador.

09

**OYÁ, A MÃE
GUERREIRA
(COREOGRAFADA
)**



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

Empunhando seu agadá, espada curva ou facão africano, ensina ao príncipe a forja dos metais e o uso das armas de guerra para a expansão e defesa de Ilexá com o leque de folhas em forma de espadas protetoras contra os infortúnios, representado no costeiro.

*Oyá me deu da luta o poder,
lutando por minha vida,
ganhei colo em suas asas,
enquanto seus ombros guerreiros
sacudiam as casas com a força dos tufões.*

*Na minha aldeia também
Mãe Oyá é quem cria,
para que eu pudesse ser ave que sabe ser cria,
que aprende a ganhar voo
sem ser atingido e pousar com ousadia
de um Príncipe, um escolhido.*

São as mulheres as responsáveis pela criação dos mercados em grande parte do continente africano, e até os dias atuais elas são maioria nesses espaços. Isso possibilitou a fundação de sociedades matriarcais, muitas vezes reunidas em torno

Comunidade

Diretoria de Carnaval e Harmonia

da magia, pois elas mesmas comercializavam os produtos necessários para a produção dos cultos. Essas sociedades resistiam ao poder masculino estabelecido, tendo papel central na manutenção e na sobrevivência da civilização em África pré-colonial. A chefe dessas mulheres era a *Iyalode* (Mãe da Corte ou da Praça), que participava do Conselho da Sociedade *Ogboni* (ou dos mais velhos), auxiliando na administração das cidades. São igualmente heroínas, especialmente por liderarem a criação dos filhos, chefiarem as famílias, enquanto os homens saem às caçadas e às guerras, e passarem os valores civilizatórios para os descendentes. Oriunda de Irá, Oyá, também chamada Onira (rainha de Irá), ajudou Oxum na criação de Logun-Edé, tornando-o grande comerciante, excelente administrador das cidades, guerreiro valente e destemido, inconformado com a estagnação e qualquer desequilíbrio energético na aldeia. A fantasia representa Oyá, que ensina maternalmente a Logun-Edé, desde bebê, a ser imponente como ela durante uma guerra.

10

**OSSAIN, SENHOR
DAS FOLHAS
MEDICINAIS**



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

Na fantasia, destacam-se as asas da borboleta, animal associado à Onira, com as quais ela alça voos ambiciosos e faz da brisa a tempestade.

Uma das lições do iniciado é que cada um tem sua força e que cada força tem seu rumo e, se tem rumo, tem trajetória, e a trajetória mais antiga pelos caminhos da vida de cada um parte das folhas da floresta, distribuídas por todo lado.

Ponto de chegada e partida de todos os seres naturais, incompletos, desiguais, e dependentes uns dos outros, sem folha não há saúde, sem saúde, não há quem veja solução para qualquer guerra, para dor qualquer que seja.

Pois Ossain é quem empresta suas árvores, pássaros e raízes para eu, caçador mais certo, para eu, exímio erveiro, um de seus muitos aprendizes,

Comunidade

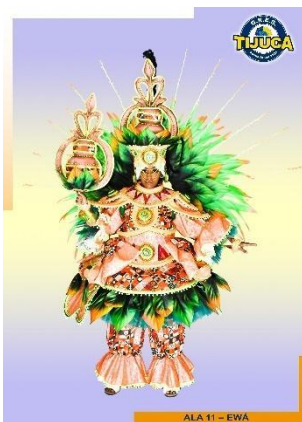
Diretoria de Carnaval e Harmonia

não me perder na floresta.

Os *oniseguns*, os médicos herbalistas, são de grande importância em África, pois há uma estreita ligação entre a medicina e a magia de *oògun*, folhas, que envolve a cura dos feridos de guerras e dos doentes nas aldeias. O conhecimento das folhas e de sua natureza é empreendido por homens especialmente separados para esse fim, cujo maior representante nas terras iorubá é o orixá Ossain. Oriundo de Iraô, na fronteira com o Daomé, Ossain ensinou a Logun-Edé a magia das folhas, que guardam segredos de vida e de morte. Como os demais caçadores, Logun teve, em sua preparação, longas incursões na mata, onde aprendeu, com Ossain a relevância dos *igis* (árvores), *kekeres* ou *éwés* (vegetais rasteiros, arbustivos e de caule sésil) e *âfômò* (trepadeiras e espécies parasitas que vivem da seiva de outras árvores), utilizadas nas guerras como blindagem energética e enfeitiçamento, para torná-lo Ologun-Edé, o Médico de Edé. A fantasia representa Ossain, envolto às

11

EWÁ, A PRINCESA DA CAMUFLAGEM



* A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.

espécimes vegetais medicinais, que ensina a Logun-Edé o segredo das ervas e das raízes a serem utilizadas durante uma guerra. Na fantasia, há ainda os pássaros mensageiros de Ossain, os quais simbolizam a vigilância sobre a floresta e a verificação de que Logun-Edé segue os seus ensinamentos dados a ele.

*Princesa das lagoas,
mistério que destoa
dos ímpetos
barulhentos,
Euá, do país do Oeste,
de caráter fechado,
agreste,
como um vento,
sem medo, na guerra,
sabe se eximir.
Disfarce que ninguém
vê,
me ensinou bem cedo a
ser
guerreiro entre meus
iguais
“Pois, se você se
destaca
na mata”, ela dizia,
“tão logo o inimigo o
ataca.
Seja príncipe, mas seja
capaz
de se camuflar entre
qualquer outro,
em toda terra a que vai,
para proteger a si
mesmo
e a linhagem dos seus
pais”.*

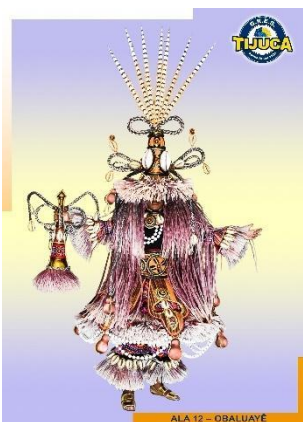
Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

Em África, as princesas têm suas especificidades, sua guarda real e demais serviços à disposição. A diferença delas para o príncipe é a sua relação com o mundo secreto das mulheres, o mistério das Iyami Oxorongá, grandes feiticeiras que guardam os princípios da criação. Uma confraria forte de mulheres auxilia as princesas a defenderem sua linhagem com altivez e vigor. É exigido de uma princesa o mais alto caráter. Oriunda de Egbado, a princesa Euá é em terras iorubás a representante máxima da pureza, guardiã dos segredos de tudo que é intocado. Essa amazona e caçadora é também conhecida pelo seu dom de camuflagem e invisibilidade, sobretudo no lusco-fusco, com a magia que guarda em seu aracolê (cabaça com pós mágicos atravessada por um ofá ou lança). Suas habilidades foram fundamentais para ajudar Logun-Edé a tornar-se um exímio guerreiro, escondendo-se dos inimigos e despistando a morte nas batalhas, mantendo-se intocável. A fantasia representa Euá, estando entre folhas e portando seus

12

**OBALUAÊ, O
SENHOR DA VIDA
E DA MORTE**



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

aracolês, cabaças nas quais guarda suas magias para tornar-se invisível, que compartilha com o príncipe as artimanhas da camuflagem para iludir os componentes numa guerra.

*Um dia a lição veio do
Velho Obaluaê,
deus solar e guerreiro,
rei peregrino,
chão de humildade,
coberto de palhas
que amou a minha vida,
no dia em que novo
ainda,
durante uma caçada,
numa batalha,
por muito pouco eu ia
morrer
Ele me ensinou que um
guerreiro
deve saber curar as
próprias feridas
com as forças da terra
que, com fé, são
desprendidas
da própria terra, dos
ancestrais.
Ele passou e consertou
meu destino:
padecer das abelhas, em
fúria pela Rainha,
não mais...
Curou-me das doenças
com suas àdós e aluás.*

Em África, as doenças são vistas como punições divinas, e seu resultado, a morte, religa as coletividades à consciência da valorização da vida, bem como a noção de

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

que a morte é uma forma de controle das linhagens. Oriundo de Ibadan, onde foi rei dos tapás, Obaluaê (Rei Dono da Terra) ou Omolu (Filho do Senhor) é também chamado Sakpatá (varíola), deus das pestes e das doenças contagiosas, que pune os malfeitores com chagas na pele. Seu domínio confere o poder tanto de enviar as doenças como de curá-las. Conta um itan que Erinlé estava com seu filho caçando, no mato, quando Logun, ainda pequeno, acerta uma colmeia e é imediatamente atacado pelas abelhas, ficando com o corpo todo marcado, prestes a morrer. Naquele momento, Obaluaê passava, e Erinlé lhe pede encarecidamente que cure o seu filho. Ele cura Logun-Edé com uma mistura de determinadas folhas, caldo de cana-de-açúcar e água, que levava em suas *àdos*, cabaças rituais, restabelecendo imediatamente a saúde do menino. A partir deste momento, o Caçador e o Rei da Terra estabelecem uma aliança de que um não caçaria nas terras do outro. A fantasia representa Obaluaê, um

13

GUERREIROS DE OYÓ



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

grande guerreiro coberto de palhas, portando seu xaxará (bastão ritual com que varre as doenças do mundo) e cabaças (em que leva seus remédios), com os quais ensinou a Logun-Edé a curar-se das feridas de guerras e de caçadas mata adentro.

Houve exércitos em outras terras que só de ouvirem meu nome tentaram vencer Ilexá, que prósperos éramos, fortes, sem trevas, nas florestas, invencíveis. Mas quem quis atravessar os rios, penetrar nossas matas e nos alcançar, recuou em retirada, atemorizamos seus lanças, derrubamos suas espadas... Oyó não foi páreo nem teve chegada às negras Terras dos Orixás.

Oyó não era apenas o mais importante dos reinos iorubá, mas também tinha características particulares, como uma ampla organização militar e social. No campo das forças armadas, a supremacia do Oyó se deu através de longas guerras em

Comunidade

Diretoria de Carnaval e Harmonia

busca de controle e expansão territorial dos seus domínios, e, por isso, subjugou, desde a região central da Iorubalândia, vários reinos ao seu redor. Quando, porém, o exército de Oyó investiu suas forças contra Ilexá, foi detido pelos exímios guerreiros comandados por Logun-Edé. Essa resistência forçou que a investida comandada por Xangô, o 4º Alafin de Oyó, seguisse na direção oposta a Ilexá, desta vez contra o Daomé, a Oeste. A fantasia representa os guerreiros de Oyó, munidos de lança e de roupas que remetem ao fogo, domínio de Xangô, que não conseguiram penetrar Ilexá, protegida por Logun-Edé.

14

EXÉRCITO DE DAOMÉ



*Eis que Oyó atacou
outro Reino
indo para o Oeste.
Daomé foi esse Reino,
e o sangue frio da
Serpente,
perigoso como a peste,
às portas da escravidão,
sobressaiu-se ao da
minha gente.*

*Um a um, dos nagôs,
cada país,
ela abraçava e os
comprimia e os engolia,
mesmo que, em brasas,
reagissem aos seus
ataques.*

Passistas

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia




** As imagens acima são dos croquis originais e servem apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução das fantasias.*

*Sempre por um triz,
mesmo assim os
consumia.*

*E como sempre estão
abertos
os olhos da Serpente,
Ilexá foi atingida:
sinuosas áspides
mergulharam em nossas
águas,
atacavam de repente
atravessaram nossas
matas...*

*Ainda jovem me
encantei
em Outra Vida me
encontrei.*

Com a frustrada incursão contra Ilexá, o Império de Oyó foi obrigado a investir na direção contrária, até as terras daomeanas, que compreendem, a Oeste, a atual República do Benin. Daomé, por sua vez, resistiu à dominação de Oyó, em contra-ataque. A revanche contra Oyó levou o Daomé à vitória, fazendo com que o Império de Oyó entrasse em decadência, o que resultou no domínio dos colonizadores europeus sobre estados iorubás, como o de Ilexá. A fantasia representa os guerreiros do Reino de Daomé, que subjugarão não só Oyó, mas também Ilexá. Esse reino foi centro de culto à serpente Dangbé,

		referenciada ao redor da cabeça no chapéu da fantasia e nos cabelos trançados, enovelados tal como uma.		
*	IGBOYA OBIRIN – CORAGEM DE MULHER	xxxxx	Rainha de Bateria	Lexa
15	EXÉRCITO DE ILEXÁ		Bateria	Mestre Casagrande
	 <p>* A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.</p>	<p><i>Mas meu povo é tão guerreiro, (vejam o exército que criei!) que não está de brincadeira, na cadência de seus passos dá proteção até o limite nos compassos calculados, e estratégicos de Ilexá, Glória e honra de Obokun, suas raízes.</i></p> <p><i>Cada um do meu exército eu conheço, acompanho suas lutas, zelo por suas nobrezas, existem em mim. Daqui os vejo. Cada uma nessas terras, eu protejo.</i></p> <p><i>(Sou ancestral de conduta, levem firmes meu nome, pela glória da Tijuca).</i></p> <p>Ilexá foi um importante centro de resistência a guerras e à escravidão na Iorubalândia. Sua fundação remete à história de Obokun, que,</p>		

16

GUERREIRAS DE ABEOKUTÁ



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e*

com um pouco de água do mar, curou o pai cego, Odudua, ancestral dos iorubás. Devido a isso, Obokun ganhou uma simples espada de ferro com que conquistou todos os reinos ao redor, o que reforça o caráter bélico de seu povo. Com grande força, resistiu, em um primeiro momento, às investidas do Império de Oyó contra seu território, e, em um segundo momento, foi um dos últimos a sucumbir ao revanchismo do Daomé contra os iorubás, em busca de escravizados. A fantasia representa os guerreiros de Ilexá, liderados por Logun-Edé.

*De Iemanjá, guerreiras
imponentes,
guardiãs do castelo do
Rio Ogun,
refúgio entre pedras se
faz presente,
ante a nascente de rio
nenhum.
De Iemanjá, a foz
parturiente,
seios alagados de
amamentar
a chegada de tanta
gente
refugiada a Abeokutá,
à luz da lua ...*

*Que Iemanjá é avó,
semente,
fonte da vida dos muitos
Reis*

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.

antes de mim, recebe o meu povo, não os deixa sozinhos, os guia a frente, cuida bem deles, como cuida de mim.

Durante as sucessivas guerras entre Oyó e Daomé, que fragilizaram os estados iorubás, Ilexá foi atingida, perdendo sua fonte de resistência à destruição, já que seu líder Logun-Edé se encantou em uma das batalhas. O povo ijexá, então, migra forçadamente para as terras do Rio Ôgùn, em Abeokutá (em iorubá, refúgio entre pedras), onde é acolhido pelas águas da cidade cujas marés são embaladas pela Lua, porto colonial em que embarcou grande parte dos vencidos de guerra para o Novo Mundo. A fantasia representa as guerreiras de Abeokutá, centro de culto a Iemanjá, senhora do rio que corre para o mar, à beira da chamada Costa dos Escravos, as quais, munidas de espadas, deram guarida, sob a luz da lua, ao povo ijexá antes da travessia do Atlântico.

(Nas ondas vermelhas do mar da Bahia, todos os santos vieram morar...

17

**OS
FUNDAMENTOS
DO CANDOMBLÉ –**

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

RENASCIMENTO NO NOVO MUNDO



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

*Minha história e
memória
ganharam um novo lar)*

*Eu vim com meus pais,
renasci nas cabeças
das vidas africanas
reconstruídas no cais.*

*Eu vim com meus pais,
renasci nos preceitos
das novas famílias
formadas no caos.*

*E quando foram
fundamentados
os candomblés de
Salvador,
no corpo dos meus
filhos
meu axé ressurgiu,
– pois mesmo aqui
também sou feito de
amor...*

*(Reconstituí a tribo Arô,
aqui no novo mundo,
no Ilê Axé,
liderado por Iya Nassô)*

Já em terras brasileiras, o axé de Logun-Edé renasce através do Candomblé da Brroquinha, liderado por Iyá Nassô Oká, mais conhecido como Casa Branca do Engenho Velho, que surgiu como resistência à escravidão, quando, por meio de irmandades católicas, reorganiza o culto aos orixás iorubanos em Salvador, no pátio da Igreja da Barroquinha. Neste candomblé, havia a presença de pessoas provindas do Império de

Oyó, de reinos como Oshogbo, Ilobu e Ilexá, de onde iniciados aos orixás da “tribo Arô”, Oxum e Erinlé, fazem renascer Logun-Edé, orixá que guarda o segredo de seus pais, atualizando sua história em terras brasileiras. Com isso, os fundamentos do axé se estabelecem, já que o candomblé foi um espaço de socialização dos então escravizados em terra estranha e de seus descendentes. Estes, a partir disso, ergueram outras casas no País, como o Kalé Bokun, da nação Ijexá. A fantasia representa os fundamentos do Candomblé da Barroquinha, remetendo à grande líder Iyá Nassô Oká, com muitas fitas com seu nome, em referência à arte religiosa de Salvador, os quais permitem o renascimento do culto de Logun-Edé no Brasil. A indumentária traz ainda uma quartinha com axé de Oxum na cabeça do componente, costeiro com o ofá de Erinlé e adereço de mão com o Divino Espírito Santo, em alusão ao sincretismo religioso de resistência, e às joias-de-crioula, riquezas com que as mulheres de axé ganhadeiras compravam

18

PAI SEVERIANO DE LOGUN-EDÉ



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

as alforrias dos escravizados na época da constituição do terreiro. Esses balangandãs dourados representam, por sua vez, o cotejo dos orixás do candomblé brasileiro, a saber: figa de Exu, peixe de Oxum, machado duplo de Xangô, coroa de Oxalá, caju, de Oxóssi e caboclos, entre outros.

*E um dos meus filhos
do meu axé, verdadeiro,
herdou o primeiro
terreiro
da agora nação Ijexá.
Reconstruiu Ilexá
que, sob o nome de São
Miguel,
seguiu sempre fiel
aos meus fiéis
fundamentos,
Severiano Santana
Porto era o seu nome,
mas para mim, embora
fosse
já feito, um homem,
é o meu guerreiro
menino
respeitado por mais
velhos
como destino os meus
filhos
a o serem em seu
caminho.*

Um dos notáveis iniciados nesses axés foi Severiano Santana Porto, o Pai Severiano de Logun-Edé (1894-1970), que nasceu em Salvador e foi iniciado por sua Tia

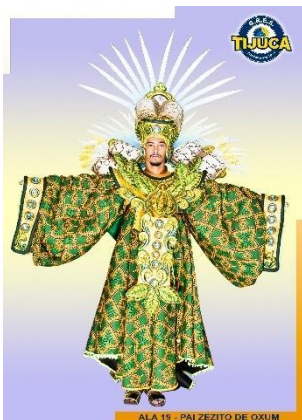
Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

Aminã de Oxalá, a qual plantou a raiz da nação Ijexá na Bahia, por meio da Sociedade Beneficente Cultural e Recreativa São Miguel. Quando Tia Aminã faleceu, o axé foi herdado por Pai Severiano e passou a se chamar Ilê Axé Kalé Bokun, em 1933. O nome do terreiro guarda referência ao termo iorubá *Mo b'okun*, “eu tenho o mar”, frase proferida pelo rei do povo ijexá Obokun quando curou seu pai da cegueira usando água do mar; e à frase *Le Bokun*, “casa de Obokun”, lugar de adoração (bo) ao mar (Okun), que também designa “riquezas”. Assim, entre os adeptos da casa, o Ilê Axé Kalé Bokun significa amplamente “Casa das Riquezas Profundas do Mar”. A fantasia representa o Babá Severiano de Logun-Edé com adjá (sineta ritual) na mão e cabaça envolvida em rede de pesca, inequívoco símbolo do povo ijexá. Apresenta tanto na gola quanto no esplendor elementos que compõem o brasão do Kalé Bokun, a saber: ofá (arco-e-flecha), de Erinlé, Oxóssi e Logun-Edé; abebé (espelho), de Oxum e Logun-Edé; erukerê

19

**PAI ZEZITO DE
OXUM**



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

(espanta-moscas), de Oxóssi e Oyá; e agadá (espada curva ou facão africano); de Ogum e Oyá – todos eles orixás tutelares da Nação Ijexá no Brasil.

*Meu axé em Pai
Severiano
trouxe minha mãe
de volta a renascer em
Pai Zezito.*

*(Na verdade, ela queria
manifestar sua magia
desde cedo no menino,
que não estava
preparado
para tal
responsabilidade
sem outra força que
plantasse
o seu axé nesta
cabeça.)*

*Não poderia assim
Zezito
renascer sem uma
fonte.*

*E assim Oxum firmou,
consagrou-se no seu
plante,
formou raízes em outros
templos,
para que eu pudesse
fazer
renascer, através dele,
em novo tempo
o meu povo
sendo ponte da Bahia
até o porto
do meu Rio de Janeiro.*

*Pai Zezito assim me
trouxe,
desde lá, com sua Corte*

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

*minha linhagem tão
nobre,
minha família tão
doce...*

*E a plantou
em novas cabeças,
e assim fundou mais um
palácio de Ijexá,
e estudaram e se
formaram,
pois o seu dom era
alfabetizar...*

*– Reizito, podes, da
cara à coragem,
ganhar espaço
pela glória do meu
povo,
como determinou
Orunmilá.*

José Zeferino Aquino, o Babalorixá Zezito de Oxum, nasceu em Catu, na Bahia, em 1932. Foi iniciado a Oxum por Pai Severiano de Logun-Edé, no Ilê Axé Kalé Bokun, e trouxe o axé da nação ijexá para o Rio de Janeiro, onde fundou a Corte Real Nação Ijexá, em 1960, em Belford Roxo. Isso representou um vigoroso crescimento do culto a Logun-Edé pelo país. Nessa localidade, como expressão de sua devoção a Oxum, orixá que zela pela descendência da linhagem através de seu filho Logun-Edé, Pai Zezito criou uma creche-escola no próprio terreno do barracão,

20

ASSENTAMENTO DE FÉ



* A imagem acima é do croqui original e serve apenas como

onde alfabetizou as crianças da comunidade, garantindo-lhes dignidade. A fantasia, ornada de volumosos tecidos indicando um símbolo de nobreza, representa o próprio Babá Zezito de Oxum, um dos responsáveis pelo vigoroso crescimento do culto a de Logun-Edé no Brasil, que até hoje, aos 93 anos, comanda a casa. Nela, figura um livro na cabeça e manuscritos nos ombros, em alusão aos projetos educacionais que ele empreendeu em seu terreiro. No peito, há os símbolos da Corte Real Nação Ijexá, como a coroa imperial ladeada por folhas de louro douradas, em alusão à nobreza da linhagem ijexá.

*Sustentem seus ofás,
abebés e balanças
empunhem suas liras,
guardem seus otás.*

*Façam-no com cuidado
- são segredos -,
para que eu esteja
sempre presente,
entre os meus,
realizando seus desejos.*

*Estou na natureza,
mas também me
encontro
ao lado daqueles
que preservam
meu mistério reservado*

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.

em seus assentamentos de fé.

Clamem por mim: Losi, losi, Logun - Edé.

Se são de ferro ou porcelana, se são de barro por suas andanças., estarei sempre com vocês, onde quer que vocês forem e a qualquer lado, meu axé os guiará a um novo mundo, sem percalços, mais uma vez.

Assentamentos são locais de culto ao sagrado, onde objetos ritualísticos são reunidos e imantados com o axé do orixá que o representa. Eles funcionam como elo entre o indivíduo ou a comunidade e a divindade cultuada. Embora o orixá seja uma força da natureza em estado puro, é no seu assentamento em que repousam seus segredos específicos e em que sua presença é evocada. A mobilidade de um assentamento confirma, por outro lado, a própria modalidade do orixá, já que, uma vez assentado, o orixá acompanhará seus adeptos por onde forem, desde que levem consigo esses objetos. No Brasil, a força de Logun-Edé se espria

21

**JOVENS ALTIVOS
COMO O PAVÃO**



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

cada vez mais quando é iniciado nos ori (cabeças) e cultuado a partir desses símbolos. A fantasia representa um assentamento de Logun-Edé, confirmando o vigoroso espraimento de seu culto pelo país. Nela, há seus emblemas, como a balança e os cavalos-marinhos de metal dourado, e os ibás (sopeira fechada, acompanhada de pratos de porcelana, onde ele recebe oferendas).

*Assim como dizem de mim,
desde os tempos imemoriais,
sou o orgulhoso que possuí
um corpo muito belo,
andando gingando e meu
peito atrai a mão das pessoas,
minha voz é agradável
sou muito belo, sou belo
até os meus olhos,
vejam a juventude que
formei no Borel
vejam como a ginga, o
meu molho e o meu charme os
fazem altivos:
pavão mais suave que te
leva pro céu.*

Depois que seu axé se espraia pelo país, Logun-Edé transcende à forma religiosa e assume sua importância sociocultural. Sendo fonte da força da

Comunidade

Diretoria de Carnaval e Harmonia

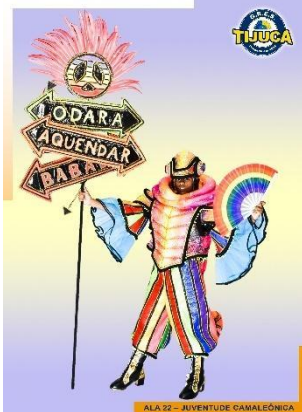
**JOVENS
CAMALEÔNICOS**

juventude no tempo, ele está presente em todos aqueles que guardam o seu brilho, compartilhando com eles seus atributos, entre os quais estão a beleza e o vigor, representados em seu animal votivo, o pavão (em iorubá, *òkìtì*). Essas características estão espelhadas na juventude, indicando sua eterna renovação. Os jovens da Unidos da Tijuca assumem sua realeza com altivez e orgulho estampados no peito com as cores de seu pavilhão: amarelo-ouro e azul-pavão. A fantasia representa o jovem altivo como o pavão, malandro do Morro de Borel, em referência ao oriki de Logun-Edé, no qual ele afirma andar gingando e ser muito bonito. Nela, figura o cabelo *black power*, com que os jovens negros desafiam a sociedade racista, ao exibirem sua identidade étnico-racial com suas coroas crespas.

*Meus mais velhos dizem
sobre mim
que eu me visto muito
bem,
que eu sou o príncipe
como ninguém
não me pareço com
outro algum.
Se querem que eu seja
de uma forma,*

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

*eu saio por outra porta,
se esperam que eu siga
um padrão
aí é que eu digo não.
Facilmente fluido como
um camaleão.*

*Sobe lá no Borel pra
você ver
a juventude que inventa
moda,
lança tendência!
Inspiro seus modos de
vestir
de agir, de falar e de ser.*

A capacidade de adaptação aos novos tempos é outro atributo de Logun-Edé, característica que compartilha com o seu animal votivo, o camaleão (em iorubá, *agemo*). Quem nunca viu desfilar pelas vielas do Borel uma juventude camaleônica dos tempos atuais, que encarna essas características do orixá, quando assume estilos e identidades fluidas, não se encaixando em performances e padrões antiquados para seus corpos? A fantasia representa, metaforicamente, os jovens camaleônicos, que porta adereço de mão com palavras em pajubá, dialeto que rompe com as normas previstas da língua portuguesa e é utilizado como ferramenta de

JOVENS LIVRES COMO O PÁSSARO



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

proteção, resistência e transgressão.

*Assim como tive asas,
e fui desde sempre
altaneiro e sagaz
pequenos pássaros
domino
em toda parte faço
ninho
para semear meus
ancestrais.*

*Sou dos pássaros além
dos muros da sociedade:
dos muros da opressão,
dos muros das
inverdades
que se contam sobre os
meus pássaros,
pequenos jovens:
passarinhos
prisioneiros da
liberdade,
da liberdade
dependentes.
Sem que voem,
sem suas asas
sem suas pipas sobre as
casas
do Borel tão eloquentes
meu axé não está
presente.*

*Sejam assim o que
quiserem,
jovens pretos
passarinhos.
Queiram tudo para
serem:
passarão jovens no
caminho.*

Logun-Edé rege os pássaros (em iorubá, *eiye*), também seus animais votivos. Quando voam, eles

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

ganham livremente o espaço dos céus. Essa liberdade inspira a juventude do Borel a se posicionar sem restrições na sociedade, uma forma de protesto contra as quase 500 mil pessoas negras que representam 70% da população carcerária do país, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. A fantasia representa os jovens livres como o pássaro, que desconhecem as barreiras dos muros e grades que lhe são impostos. No chapéu, esse jovem coroadado leva a cabeça do pássaro, aspecto que se completa nas penas distribuídas por toda a indumentária. Uma das formas de ludismo do jovem do Borel é a pipa, que, quando empinada, voa como pássaros, simbolizando o desejo de liberdade e ascensão. O sol, no costeiro, reforça o destino dessa ascensão em liberdade.

24

**JOVENS FERUZES
COMO O
LEOPARDO**

*Quando, no meio da
selva,
meu destino é ser
imponente, atiro-me às
feras das outras feras
Já que sou leopardo,
ekun brilhante!*

*Se bonito é ser fera
ante um mundo
claudicante,
vilanias nas favelas*

Comunidade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

*matam pretos a cada
instante,
levam vidas antes
ilesas,
em vielas de vileza.*

*Dos meus jovens,
a pele é espelho
do mesmo manto negro
da noite
e da pele leoparda,
que carrego contra o
açeite.*

*E têm mesma voz
potente,
com que rujo, contra as
armas,
contra todos que atiram
o racismo contra o
peito.*

*Vão caçar por suas
vidas!
Jovens pretos
leopardos!
Sejam presa os que os
caçam!
Jovens leopardos
pretos!
Vão gritar por suas
vidas:
Vivos, vivam!
Nunca morram!
Que se mate o
preconceito!*

Um dos atributos de Logun-Edé é a sua valentia, que compartilha com seu animal votivo, o imponente leopardo (em iorubá, ekun), grande caçador das savanas africanas. Nos movimentos negros contemporâneos, a

figura felina sempre foi corolária da luta contra o racismo e seus efeitos devastadores: no Brasil a cada 23 minutos um jovem preto é assassinado, o que não é diferente na 2ª maior metrópole do país. Segundo o Unicef, de cada 10 jovens de 15 a 19 anos assassinados nos últimos três anos no Brasil, 8 eram negros (pretos e pardos), havendo um risco de morte 5 vezes maior que a de um adolescente branco. Diante disso, a juventude do Borel, pertencente a uma das maiores comunidades negras do Rio de Janeiro, não abaixa a cabeça para os preconceituosos, porta-se com ferocidade e vigor típicos de um leopardo negro, espelhando a força de Logun-Edé. A fantasia, com traços afro-futuristas, representa os jovens ferozes como o leopardo, que portam uma bandeira com a frase RESISTÊNCIA JOVEM, em alusão aos movimentos sociais e políticos que reivindicam os direitos dos jovens periféricos terem uma vida com dignidade.

**JOVENS COM OS
PASSOS LIGEIROS
COMO OS DA
LEBRE**



** A imagem acima é do croqui original e serve apenas como referência, pois algumas mudanças cromáticas, estéticas e de materiais podem ter sido realizadas na execução da fantasia.*

*Como sou muito bonito
como sempre ando
gingando,
desde os tempos
africanos,
meu ritmo é leve
ando rápido como a
lebre.*

*Como desde sempre fui
o mais gostoso, o
maioral,
na quebrada eu sou o
tal,
o mais belo e bem
nutrido,
jamais serei marginal.
Se o quadril está pra*

*jogo,
todo mundo vai também
ao baile que um dia já
foi gira
para descer até o chão
ligeiramente com a
batida
de um funk boladão.*

*Nesses corpos tão
ligeiros
dos meus meninos
e meninas, meus
guerreiros,
é que dito a progressão
do meu ritmo no
passinho.*

*Sejam o bonde que se
mexe,
nunca parados, desçam
o morro,
quebrem tudo, e bem
rápido!*

Logun-Edé é um orixá ligado à esperteza e à agilidade de seus reflexos. Diante dos infortúnios, compartilha com a lebre (em iorubá, ehoro), seu animal votivo, a capacidade de

Comunid
ade

Diretoria de
Carnaval e
Harmonia

		<p>escapar ileso às armadilhas do caminho e, fugidio e arisco, ganhar os veios da mata rapidamente. Essa característica está espelhada no corpo em movimento dos jovens do Borel, um instrumento de luta contra a estagnação provocada pelo esculacho e pela humilhação impostas pela sociedade: quem sofre mais com o desemprego, a falta de dinheiro, o abandono escolar e a dificuldade de ser atendido na rede pública de saúde? São os pretos; e entre eles, os jovens penam mais. Através do funk, arte alvo de todo tipo de rejeição e subalternização, os crias do morro mandam ver no passinho que corpos lentos não imitam. Será a inveja de tanto vigor que mobiliza o preconceito? A fantasia representa os jovens com os passos ligeiros como os da lebre de Logun-Edé, enquanto dançam o batidão da escola do Borel.</p>		
26	<p>COMPOSITORES – POETAS DE LOGUN-EDÉ</p> <p>XXX</p>	<p><i>Como sou filho do grande e belo pássaro, canto melodioso solto da garganta e meus filhos e filhas inspiro o tanto em suas músicas que compõem e seus poemas.</i></p>	Compositores	Diretoria de Carnaval e Harmonia

		Segundo a tradição iorubá, os orixás caçadores, como Logun-Edé pertencem a uma elite espiritual que se espelha na capacidade de produzir arte, como a música e a poesia. Dessa forma, os compositores encarnam os poetas e músicos inspirados por Logun-Edé e seu axé.	
--	--	--	--

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Corrêa, 60 – Unidade 12 – Cidade do Samba – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
Diretores Responsáveis pelo Atelier Edson Pereira	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Miriam Pires	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Xxxx
Adrecista Chefe de Equipe Xxxx	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco (Zé Sapateiro)
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Edson Pereira	Carnavalesco
Marcio Ronald	Figurista
Almir	Ferragens
Agatha, Roberto, Taylor, Marcelo, Lazaro, Drielly, Charlene, Alex, Denise e Junior	Chefes de Ateliês
Magrão (Tuninho Fita)	Pintura de Arte
Ateliê SubliMagia	Arte Plumária

Sr. Luis	Cortador
XXX	Equipe de Criação e Ateliê de Fantasias de Luxo
XXX	Responsável pela confecção do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
XXX	Responsável pela confecção do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA
Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Anitta, Estevão Ciavatta, Feyjão, Miguel PG, Fred Camacho, Diego Nicolau e Luiz Antônio Simas		
Presidente da Ala dos Compositores Direção de Carnaval e Harmonia		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 65	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Azeitona (78 anos)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Gabriel Machado (26 anos)
Outras informações julgadas necessárias		
Letra do Samba-Enredo: Reflete o espelho... Orisun Nas águas de Oxum À luz de Orunmilá Magia que desaguou na ribeira E fez o caçador se encantar Sou eu, sou eu Príncipe nascido desse grande amor Herdeiro da bravura e da beleza É da minha natureza a dualidade e o fulgor De tudo que aprendi, o todo que reuni		

Fez imbatível a força do meu axé
Com brilho imenso, desafio o consenso, inquieto e intenso
Sou Logun-Edé

Oakofaê, odojá
Oakofaê, desbravei o mar
Não ando sozinho montei no cavalo marinho
Abri caminho pro povo de Ijexá

BIS

E no rufar dos Ilus meu tambor
A fé no Kale Bokum assentou
A proteção de meus pais, ofás e abebés
Sou a Tijuca e seus candomblés
Um lindo leque se abriu, ori do meu pavilhão
Amarelo ouro e azul pavão
Orixá menino que velho respeita
Recebi sentença de pai Oxalá
Eu não descanso depois da missão cumprida
A minha sina é recomeçar

Logun-Edé
Logun arô
Logun-Edé loci loci
Eru awô
A juventude do Borel
Desce o morro pra cantar em seu louvor

BIS

Outras informações julgadas necessárias:

Defesa do samba-enredo, verso a verso:

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Casagrande				
Outros Diretores de Bateria Coringa, Cosme, Gabriel, Jorginho, Julinho, Junior Sampaio, Marcos Esguleba, Lucas, Rodrigo Diamante, Thompson e Yuri.				
Total de Componentes da Bateria 262 (duzentos e sessenta e dois componentes)				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 11	Reco-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 100	Tarol 0	Tamborim 36	Tan-Tan 0	Repinique 37
Prato 0	Agogô 0	Cuíca 24	Pandeiro 2	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				
Repique-Mor: 04 Xequerê: XX				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Allan Guimarães

Outros Diretores de Harmonia

André Dias Vianna, Antônio Augusto, Arthur Napoleão, Carlos Gomes da Motta, Cláudia Souza, Deise Lúcia Ramos de Alencar, Eduardo Neves, Fábio Cardoso, Janaína Leite, Jorge da Silva Maio, José Adriano, Jucelino Santana, Leonardo Vinícius Canedo, Luís Antônio Pinto Duarte, Luiz Carlos França, Luiz Claudio da Silva Braga, Luiz Fernando Correa, Luiz Fernando Turibi, Marcelo Guimarães, Marcelo Pulcheiro, Magno de Aguiar Granadeiro, Mary Oliveira da Costa, Marvio Salustiano de Souza, Paulo Cesar Constancio da Conceição, Paulo Delphim, Renato Cardoso, Rodrigo Francisco de Oliveira, Sidnei Marcio Consentino, Thiago Henrique Dias, Weverton Augusto dos Santos e Victor Manaia.

Total de Componentes da Direção de Harmonia

42

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete Oficial: Ito Melodia

Intérpretes de Apoio: Tem Tem Jr, Matheus Gaucho, Tuninho Jr, Thiago Chaffin e Maninho.

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Diretor Musical: Ivinho do Cavaco

Cavaquinho: Ivinho do Cavaco e Sandro Pio

Violão de Seis Cordas: Nildo Barbosa

Violão de Sete Cordas: Xandy Uruguaio

Outras informações julgadas necessárias

Intérprete: Ito Melodia

O interprete: Ito Melodia, nome artistico de Acrailton Forde, herdou do pai, Aroldo Melodia, o talento de um dos maiores interpretes das escolas de samba. Ito e vencedor de seis Estandartes de Ouro, entre outros premios como o Tamborim de Ouro e Estrela do Carnaval.

Para o carnaval de 2024, e quem comanda o carro de som da Unidos da Tijuca com sua irreverencia e estilo únicos.

FICHA TÉCNICA**Evolução**

Diretor Geral de Evolução Fernando Costa
Outros Diretores de Evolução XXXXXX
Total de Componentes da Direção de Evolução XXXXXX
Principais Passistas Femininos Gleice, Ana Patricia e Julia Santos.
Principais Passistas Masculinos Flavio, Anderson e Bruno.
Outras informações julgadas necessárias Leyla Barros – Coordenadora da Ala de Passistas

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval João Paredes		
Diretor Geral de Carnaval Fernando Costa		
Outros Diretores de Carnaval –		
Responsáveis pela Ala das Crianças –		
Total de Componentes da Ala das Crianças –	Quantidade de Meninas –	Quantidade de Meninos –
Responsável pela Ala das Baianas Ivone Gomes		
Total de Componentes da Ala das Baianas 64	Baiana mais idosa (Nome e Idade) Maria da Conceição	Baiana mais jovem (Nome e Idade) Jéssica Marcolino

	84 Anos	30 Anos
Responsável pela Velha-Guarda Débora Rosa Santos Cruz		
Total de componentes da Velha-Guarda 48	Componente mais idoso (Nome e Idade) Dona Lenir 79 Anos	Componente mais jovem (Nome e Idade) Lilian Estevan 53 Anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente****Responsável pela Comissão de Frente**

Ariadne Lax e Bruna Lopes

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Ariadne Lax e Bruna Lopes

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15	XX	XX

Outras informações julgadas necessárias**A MISSÃO DE LOGUN-EDÉ DESDE ORUN:
SER O SANTO MENINO QUE VELHO RESPEITA**

Tudo começa na outra vida, no Orun, dimensão invisível, onde os orixás, entidades divinas, convivem e definem nosso destino. Suas decisões reverberam em nossas vidas. Conta-se que Logun-Edé, ainda em sua forma plenamente espiritual, no Orun, envolveu-se em travessuras com Oxalá, o criador do universo. Sua querela com o mais velho dos orixás o fez ter de cumprir uma missão no Ayê, em forma humana. Seu destino será refletido no olho d'água.

Sobre as Coreógrafas:Adriadne LaxBruna Lopes

FICHA TÉCNICA**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

1º Mestre-Sala Matheus André	Idade 27
1ª Porta-Bandeira Lucinha Nobre	Idade 49
2º Mestre-Sala Diego Jenkins	Idade XX
2ª Porta-Bandeira Thainá Teixeira	Idade 28

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
MATHEUS ANDRÉ E LUCINHA NOBRE
FANTASIA: UM ELO ENTRE ORUM E AYÊ: MOVIMENTO ANCESTRAL



*Foi desde sempre o Orun,
que é o céu acima de todos,
onde as gentes são almas.
E, no chão abaixo de todos, o Ayê,*

*nossos pés se movimentam
e sustentam nossas cabeças,
Oris coroados de nobreza,
segunda casa da alma
em direção ao infinito.
E, é no corpo de cada um
que estão os mundos inscritos,
já que, no alto, gira o tempo dos mitos,
como hasteada bandeira que guia
embaixo a vida pelos densos caminhos
dos homens que seguem assim sua jornada,
lembrados ou esquecidos de sua ancestralidade na estrada.
Vigem indistintas
dimensões do Universo
entre perguntas, incertezas, grandes pausas
e memórias retornadas.*

*(E, assim em um pavilhão,
meu ori um dia se abrirá
como leque, em segredo
entre raios azuis-dourados,
destino pelo céu ordenado
para tudo no Ayê conquistar.*

Irmanados e em mútua corte, o 1º casal de Mestre-sala e Porta-Bandeira, Matheus André e Lucinha Nobre representa a conexão entre o Orum, figurado na abertura do desfile, e o Ayê, figurado a seguir e nos setores subsequentes que contam a narrativa. Na cosmo-perspectiva iorubá do Universo, que é a integração entre o Orun, a dimensão invisível das divindades, e o Ayê, dimensão do mundo visível onde a humanidade habita. Esses planos vigem realidades espelhadas na natureza, em que o tempo dos mitos é contíguo ao tempo histórico.

Dividida em duas partes, a fantasia, na porção superior, tem cores claras, fazendo referência à glória do Orum, onde há a **concepção**, o começo de tudo, e de onde nossos ancestrais são evocados para contar a história e memória de Logun-Edé, em forma espiritual. Na porção inferior, as cores terrosas remetem ao Ayê, mundo visível onde Logun-Edé, em forma humana, cumprirá o seu desígnio. É pela comunicação proporcionada pelos cauris entre esses dois mundos contíguos, que acessamos a sabedoria dos mais velhos, cujos conselhos guiam nossa caminhada pelo mundo. Assim, este bailado é um libelo à ancestralidade da própria G.R.E.S. Unidos da Tijuca, uma vez que o giro da bandeira amarelo-ouro e azul-pavão do Borel coroa o ori, o destino do pavilhão tijucano, guiando os componentes ao cumprimento da sina do grande orixá louvado pela agremiação. A atuação do casal à frente do cortejo da escola de samba coroa a memória da comunidade e garante sua continuidade, já que integra a mais experiente porta-bandeira do carnaval carioca, Lucinha Nobre, e um dos mais jovens mestres-salas da atualidade, Matheus André. Numa reunião entre mais velhos e mais novos, como sugere o enredo.

**2º CASAL DE MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA
DIEGO JENKINS E THAINÁ TEIXEIRA
FANTASIA: O ENCANTO DAS SINUOSAS ÁSPIDES DO DAOMÉ**



*A missão de um caçador é a de nunca conhecer a morte,
- só de vida me alimento -,
mas, às vezes, sucumbe a própria sorte
a encanto dormente
do veneno de repente
atacado no piso em falso.
Daomé, Dangbé, serpentes,
se não fôsseis resistentes,
meu axé seria inútil,
pois mesmo o inimigo,
percalço posto à frente,
movimentou o meu destino
ao que haveria de ser:
encantado para sempre.*

As sinuosas áspides de Dangbé estão representadas na fantasia do casal e são a força que gerará o encantamento de Logun-Edé na guerra contra o Reino do Daomé. Com sua dança, o casal representa a mobilidade e rapidez dos ataques impetrados contra Ilexá pelo reino inimigo, fato que proporcionou a vinda forçada deste povo para o Brasil, vicissitude sem a qual o axé de Logun-Edé não seria transportado para nossas terras e hoje simbolizados, em homenagem pelo pavilhão da escola do Borel. Assim, as energias sobrenaturais das serpentes encantadas por Dangbé comandam o exército do Daomé na ala subsequente.